PIXÉ

REVISTA LITERÁRIA

ISSN 2674 7006

ANO 2
JANEIRO/2020

EDIÇÃO ESPECIAL

LUCINDA PERSONA: 25 ANOS DE POESIA

EDITORIAL

Eduardo Mahon
Editor Geral

Diante da velocidade com que a arte contemporânea é demandada, observar a produção de uma poeta voltada para um conjunto temático nuclear não deixa de ser uma surpresa. Lucinda Persona, escritora mato-grossense, manteve-se distante do experimentalismo que fustigou seu tempo, o concretismo, o intensivismo, a limpeza da página e a performance não verbal. Preferiu, ao contrário, perfilar-se na resistência oposta por Sophia de Mello Breyner Andersen e Orides Fontela. O esforço literário de Persona não se concentrou nas experiências com a forma e sim noutro cariz: a reafirmação da autonomia da arte por meio da apropriação simbólica do corriqueiro e das ciências biológicas das quais é egressa.

A fuga dos temas clássicos ocorreu em fins do século XIX. Talvez Baudelaire tenha dado origem ao *big bang* conceitual que desatrelou a arte dos antigos compromissos, seja estéticos, seja temáticos. Tudo serve à arte, mas a arte se mantem independente do utilitarismo. Essa foi a chave do modernismo e quem não o entende escreve, ainda hoje, para agradar os mortos. A partir de Baudelaire (e também de Mallarmé), não houve outro caminho a não ser inaugurar uma sucessão de transformações que, de vanguarda em vanguarda, criou uma ambivalente tradição de rupturas. Daí que os leitores têm a mesma surpresa com as guinadas de Oswald de Andrade e também com o texto imune à ansiedade vanguardista, opção estética da nossa homenageada.

Mesmo gravitando em torno do núcleo com o qual pautou a poesia, Persona alinha-se ao novo. Como mencionado, ao subordinar o quotidiano para ressignificar a temática atemporal (morte, vida, amor, perda), a obra da escritora está imersa no caldo modernista. Quem melhor mapeou assuntos e significados da poesia de Lucinda foi a estudiosa Marta Cocco. O viés utilizado na tese de doutoramento foi o da mitocrítica a buscar o paralelo entre as imagens criadas por Lucinda Persona a partir de elementos prosaicos com antigas raízes simbólicas que se relacionam aos mitos fundacionais da civilização ocidental. A lupa da pesquisadora comprovou a obsessiva estratégia da escritora: antropomorfização de insetos, exploração de fatos quotidianos, projeção simbólica nos alimentos, marcação temporal na transformação do corpo.

O mérito da obra de Lucinda Persona extravasa esse rol temático. É preciso enxergar o movimento artístico de forma ampla, contextualizando-o no diálogo que faz com a tradição literária atual e precedente. Ao escrever, Persona acredita que "tudo é matéria prima", isto é, não vê limite na apropriação artística. Aí sim reside a filiação da escritora ao vigoroso tronco da modernidade. Besouros, formigas, fuligem na janela, um pé de couve e a sopa de legumes compõem o rompimento com o mero figurativo. Ao se apropriar do prosaico, a escritora sublinha a importância da poesia como ente autônomo. É arte pela arte, uma tendência tão consagrada quanto criticada no mundo contemporâneo. De um lado, os detratores apontam para o descompromisso político e, de outro, os admiradores ressaltam a valorização da arte independente.

Os poemas de Lucinda não estão a serviço da evocação, nem de lugar, nem de pessoas ou acontecimentos, aposta estética que assegurou a prevalência qualitativa na geração literária da qual faz parte. Mais curioso é que, para chegar ao desiderato, a escritora não flerta intensamente nem com a metapoesia (tão natural em Leminski e Salomão), nem com a crônica do trivial (própria de Drummond e Bandeira). Persona seguiu os passos dos modernistas, mas criou um arcabouço simbólico próprio. Para alguém que não entenda a envergadura literária da nossa homenageada, basta dizer que Lucinda Persona é uma escritora que luta pela arte em si. Nessa batalha, distinguem-se os melhores.

SUMÁRIO

2 Editorial
6 Lucinda Nogueira Persona
34 **Ruth Albernaz**
38 Cristina Campos
40 Eduardo Mahon
44 Marli Walker
48 Marília Beatriz de Figueiredo Leite
54 Tereza Albues
56 Carlito Azevedo
58 Marta Cocco
62 Matheus Guménin Barreto

EXPEDIENTE

Direção Geral e Edição: Eduardo Mahon
Colaboradores desta edição: Lucinda Nogueira Persona, Ruth Albernaz, Cristina Campos, Eduardo Mahon, Marli Walker, Marília Beatriz de Figueiredo Leite, Tereza Albues, Carlito Azevedo, Marta Cocco, Matheus Guménin Barreto.
Projeto Gráfico/Diagramação: Roseli Mendes Carnaíba
Artista Visual Convidado: Ruth Albernaz

Lucinda Nogueira Persona

Nasceu em Arapongas, PR, e reside em Cuiabá, MT. É poeta, escritora e membro da Academia Mato-grossense de Letras. Graduada em Biologia (UFMT), Mestre em Histologia e Embriologia (UFRJ), com estágios profissionais na Universidade do Chile. Professora na Universidade Federal de Mato Grosso e Universidade de Cuiabá, até se aposentar. Livros de poesia publicados: Por imenso gosto, Massao Ohno Editor, 1995 e Carlini & Caniato, 2018 – Prêmio no Concurso Cecília Meireles (1997) da UBE. Ser cotidiano, 7Letras, 1998. Sopa Escaldante, 7Letras, 2001 – Prêmio Cecília Meireles (2002) da UBE. Leito de Acaso, 7Letras, 2004. Tempo comum, 7Letras, 2009. Entre uma noite e outra, Entrelinhas, 2014. O passo do instante, Entrelinhas, 2019. Na literatura infantil é autora de: Ele era de outro mundo, Tempo Presente, 1997 e A cidade sem sol Razão Cultural, 2000. Participou das antologias: Na margem esquerda do rio: contos de fim de século, Via Lettera, 2002; Fragmentos da alma mato-grossense, Entrelinhas, 2003. Roteiro da poesia brasileira: Anos 90/ [Seleção e prefácio Paulo Ferraz; direção Edla van Steen]. – Global, 2011. Integrou as Revistas: Poesia Sempre – Ano 9, n. 14 (ago. 2001). Fundação Biblioteca Nacional, Departamento Nacional do Livro, 2001. Lado 7 – n. 4 (out. 2012), 7Letras, 2012. Revista Brasileira – Ano V, n. 87 (abr. mai. jun. 2016). Academia Brasileira de Letras, 2016. Revista comemorativa dos 95 anos da Academia Mato-grossense de Letras (1921-2016). Carlini & Caniato Editorial, 2016. Direção/organização de Elizabeth Madureira Siqueira; Marta Helena Cocco; Eduardo Mahon.

Os poemas foram extraídos do livro *Por imenso gosto*, 1995/2018

EXPOSTA À TARDE

Exposta à tarde
nos lugares públicos
e ruas apinhadas
uma esquina
não tem mesmo nenhum significado
A banda encardida da sua dobra
o seu dobrar de tudo ou nada
a desproporção das sombras
atrás dos seus corpos apressados.

VEIO UM VENTO

Veio um vento
de tendências contraditórias
e revirou o que era deslocável
e estava pelas ruas
Foram para o espaço
folhas secas e papéis
Papéis e folhas secas
voltaram para o chão
    Os cães perderam o rumo
    perseguidos pela fúria
    dos galhos impelidos
    mas
    eis que todos retornam
    e agora são os galhos
    pelos cães perseguidos
E caíram frutas maduras
e verdes frutas caíram
Os raros transeuntes debandaram
uns carros queriam chegar... a cem por hora
Os pássaros não se governavam
As janelas batiam palmas
e as almas entravam por elas
O mundo iria acabar?

CLARÕES DE SOL OU DE LUA

Clarões de sol ou de lua
invadem
minhas zonas de impedimentos
derretem meus centros
modelam meu plasma
em túmidas expectativas
Retiram um sumo adocicado
dos meus sonhos.

POR AQUI

Por aqui
tudo quase se acaba
é no auge da seca – em agosto
quando pássaros de carvão
piam por chuvas
e o pó e a fumaça
regulam claridades
Quando o cheiro do mato
que queimou lá no cerrado
entra nas casas
e deixa um traço de cinzas
em cada rosto
e nenhum lugar é horizonte.

AI DAQUELE QUE FICAR SÓ

Na vida a dois
há uma ordem que não muda

Um
sempre irá menos longe
do que o outro

Quem fica
(único habitante da casa)
não raro
acorda antes da alvorada
pedindo contas do que se passa

Não há criança dormindo
Não há café a ferver no fogão
Só há o que é maior do que ele

Ai daquele que ficar só.

DO MESMO PARTO

O que é que se vê
no topo do caos?
Estrelas
festivas
buliçosas
(nenhuma se cansa primeiro)
Estrelas
faiscantes
tiritantes
(como se pode dizer diferente?)
Estrelas
tão semelhantes entre si
contornos alusivos
ao tema dos espinhos
Estrelas
cada uma repetindo
o que a outra tem
(filhas que do mesmo parto nasceram)
Estrelas
Estrelas
uma é amarela
e a outra também.

O VÍCIO DA ESCURIDÃO POR EXISTIR

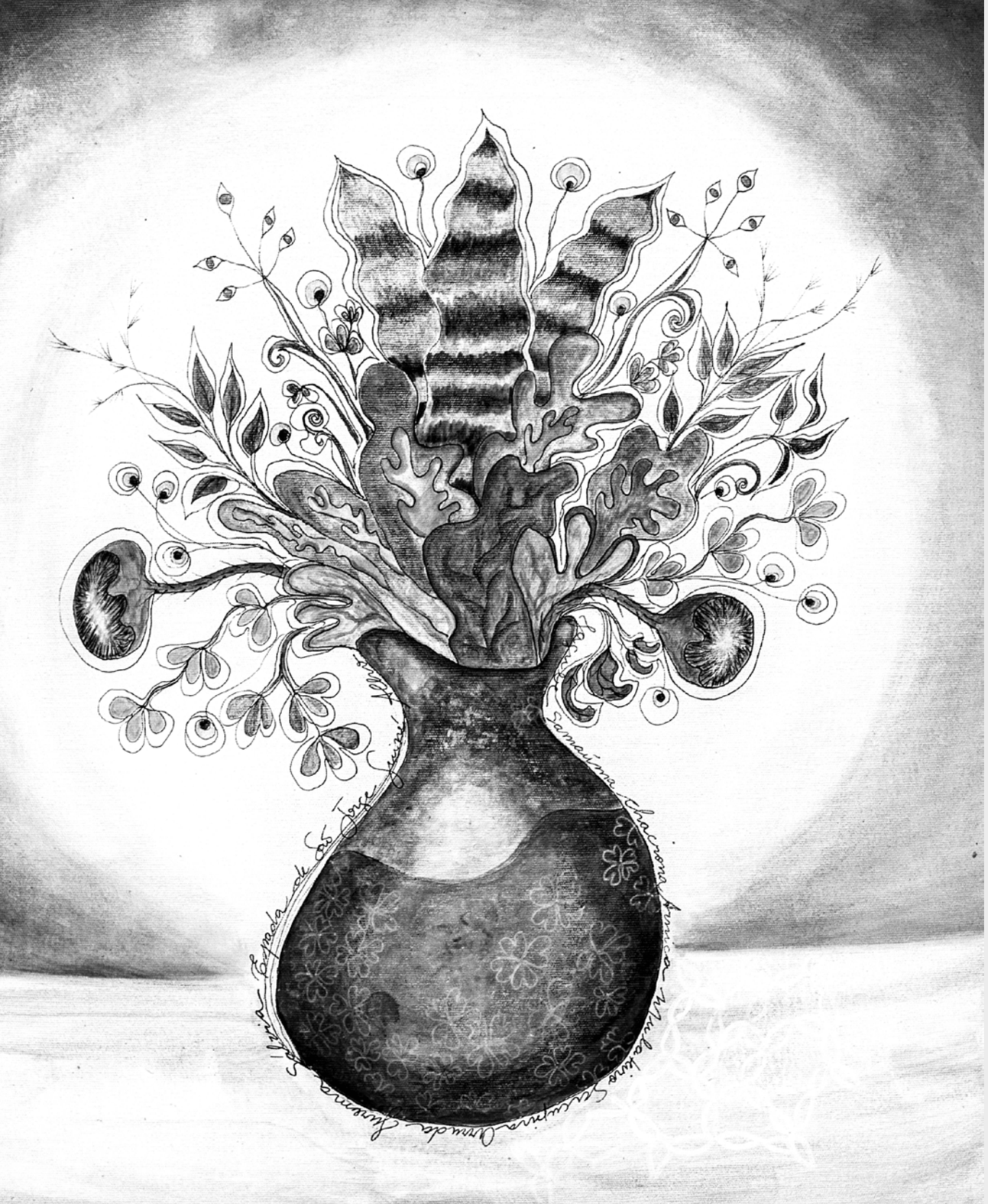
Há noites que
(à semelhança de frutos sem sementes)
nascem assim:
sem estrelas
numa ordem diferente
no timbre da incerteza
o vício da escuridão por existir
o mundo feito das secretas coisas
sombrios refúgios do amor
Dos mistérios (o quanto possível)
o menor

PÊSSEGO EM CALDA

Alguma coisa está errada?

O que é que me assombra
na hora do crepúsculo
se o sol nadando em luz
parece um pêssego maduro
em dulcíssima calda?

Os poemas foram extraídos do livro *Entre uma noite e outra*, 2014



SILÊNCIO

"Não se sente senão o que se passa dentro de casa". Fernando Pessoa

Inconformado com a nova realidade, Hans acordou muito cedo. O painel do relógio digital de cabeceira marcava exatamente quatro e meia. O tempo estava ali, na linguagem numérica, e resplandecia em verde luz na quieta paisagem do quarto de casal. Os olhos de Hans, viscosos, tentaram se acostumar às sendas da escuridão. Mais uma vez, sentiu-se um tanto perdido no calendário, embora o calendário nada significasse.

Desinteressado da madrugada sem lua, reuniu forças para a jornada escolhida. Nunca se ligara muito na rotina cósmica, nesse tipo de ressurreição da luz, a cada novo dia. Assim, o passo seguinte, não sendo o mais difícil, foi examinar o que era visível. Convencer-se de que se reencontrara, de que poderia ir e vir e realizar seus desejos.

Devagarinho, os músculos ainda meio adormecidos, afastou a coberta e sentou-se ao pé da cama. Não queria, de modo algum, desfazer a ordem e o silêncio. Aliás, começava aí sua fervorosa operação silêncio. Réplica de tantas outras. Ele sempre tivera esse cuidado, o de evitar ruídos, evitar que Maria, sua mulher, acordasse tão cedo. Principalmente num domingo.

Hans observou-a longamente ali no leito. Tão dócil. A velhice ofertada. O esboço do corpo sob a coberta, parecendo um tépido saco de lembranças. O travesseiro esmagado por uma veemência desconhecida. Para ele, era imperioso velar essa mulher. Articular-se em torno dela. Estender a mão, suavemente, e atravessar o tempo para, afinal, não ter coragem de tocá-la. Ela dormia e ele, dentro de um ofício repetido, cuidava do silêncio. Tomava as mais diversas precauções para ser leve, poroso, ou melhor, para não ser corpo.

Tateando, satisfeito porque os movimentos não lhe estalavam as articulações, Hans encontrou os chinelos. Ergueu-se imaginando que talvez fosse um ausente cuja reestruturação se tornara possível. Em algum lugar, um cachorro latia. Mas era tão longe, tão longe, que não se viu ameaçado em sua missão.

Com extrema lentidão, dirigiu-se ao banheiro. Caminhou através da penumbra num curto trajeto sem obstáculos. Na verdade, ele seguia uma velha trilha, impressa no piso. Uma trilha de muitas idas e vindas. Sem acender jamais nenhuma lâmpada. Habituara-se ao escuro.

Quando chegou ao pequeno aposento de banho, mal enxergou sua sombra no espelho. Quantas e quantas vezes ele já vivera essa cena, a sensação de se ver aprisionado, a sensação de ser orgânico e inorgânico ao mesmo tempo. O espelho proporcionava-lhe agora um retorno muito débil de velhos gestos mecânicos. Esfregou os olhos. Não queria fazer interpretações mais precisas de sua figura. O clima estava ameno. Era maio. Abafou uma tosse e voltou-se para o vaso sanitário, branco, brilhando na escuridão. Aproximou-se, urinou e suspirou num alívio sem limites. Demorou um pouco com seus órgãos pendentes na mão em concha. Acariciou a diferente matéria. Sentiu uma espécie de desorientação. Entendeu, nesse instante, o que a vida tinha por fora e por dentro. Embora devesse, não acionou a descarga. Era ruidosa demais. E ele estava a serviço do silêncio. Indeciso, soltou a água da pia num finíssimo fio. Desconfiou da quietude da água. Será que sonhava? O sabonete, verde e de alfazema, encheu-o de terno conforto. Se algum dia tivesse lido a *Montanha Mágica*, saberia que outro Hans, o Hans Castorp, em certa manhã, em outra circunstância, usara um sabonete assim.

Através da pequena janela de vidro, pousou os olhos nas nuvens rosadas do Leste. Quase se deixou invadir pela harmonia do infinito. As folhas de um coqueiro estavam imóveis. Sobre o conjunto urbano ao qual pertencia, o sol iria desferir os primeiros raios. Um dia de grandes dimensões estava para apontar. Um dia igual a muitos que se passaram e, provavelmente, igual a outros que ainda viriam. Nesse momento, Hans cobriu de espuma o pálido rosto. Demorou no afeto de espalhar. Depois, enxaguou. Por mais estranho que se sentisse, achou que recriava um mundo todo seu. Escovou os dentes. Penteou-se. A realidade parecia aceitá-lo plenamente.

A casa começou a mostrar consistência. Conseguiria fazer o que sempre fizera? Acreditou que sim. Dono era de uma forte vontade. Como num ritual interminável, viveria sua fantástica verdade, recolheria os jornais, prepararia o café, regaria as plantas do jardim. Bem mais tarde, quando Maria despertasse, tomariam o café da manhã ao som do próprio mutismo. E o domingo transcorreria. E viriam outros domingos. Todos desertos. E ele, insistente, repetiria os gestos pontuais e as obrigações da casa, andando para todos os lados, subindo e descendo, descendo e subindo. Sentiria menos horror da exclusão.

Hans suspirou. Nada se ouvia. Suas estratégias e manobras surtiam efeito. Mas já era hora de sair dali. E foi lentamente, pé ante pé, que fez o caminho de volta. Passou pela cama, onde a mulher dormia profundamente. Avançou até a porta que se comunicava com uma sala que se comunicava com outras salas. Deu os dois giros costumeiros na chave, abriu e voltou a fechar com extrema cautela.

Antes de sair para a extensão infinita da casa, antes de ser arrebatado pelo nada, Hans havia cuidado amorosamente para que a sempre cansada e amada Maria, sua viúva, não acordasse tão cedo.

In: RDM, 28, 05 out. 2003. p 34.

NA PALMA DA MÃO

Olho de perto a profusão de sulcos na palma da mão.
Três são maiores e profundos,
uma infinidade de outros são menores e mais rasos.
Que paisagem essa!
Rosada como a luz da aurora.
Trincada como um espelho apedrejado.
É quase um deserto, as dunas se elevam serenas,
porém, não raro, brota-lhe uma água subterrânea.
Olho com paciência as ranhuras fininhas
e completamente enlaçadas.
(É preciso ter paciência com certos padrões de melancolia).
Acompanho os grandes sulcos,
aqueles nos quais a cigana lê o futuro.
As curvas a perder de vista.
Vou e venho como num passeio de mulher sem destino.
Quem sabe o que se passa por esses caminhos?

DO ORVALHO SAEM AS LESMAS

De dentro do orvalho saem as lesmas
extraviadas nuas e tímidas de um parentesco.
Músculos sombrios e olhinhos vacilantes
à vista do mundo junto ao chão.
A parte mais sensorial delas
sentindo
orientando
o rastejar mucoso.
Usando os advérbios todos.

As lesmas escorregam sem pressa
belas e sinistras úmidas e lascivas
como o arrastar da morte sobre vidas
ou um passar da língua sobre a cria.
Percorrem metros e metros
segregando a baba fina
em torto caminho.
Depois estorricam
no incêndio das paredes.
No futuro de uma lesma
está o sol de sua morte.

VOU À PADARIA

Por toda parte, no meio
e nas fronteiras da cidade
o enfraquecido sol ao fim da tarde
do mais seco inverno e berinjelas

no céu (lugar tão vago) enquanto
paro o carro numa vaga rente
ao meio-fio e simplesmente
vou à padaria – aonde sempre fui.

Um vento fresco, um pouco forte
(e agindo em golpes
como golpes do destino) se joga

contra meu rosto tão deserto e livre
e uma sombria boca
onde as palavras só se afogam.

DE SER TARDE

Todas as violetas
e demais flores
dessa mesma cor
refletidas no poente.

Labaredas roxas de nenhum fogo.

A grande tática
de ser diferente
em certas tardes
de ser tarde
em certos momentos
um estado e nunca permanência.

Sabiá
Bem te vi
Andorinhão Sinsi
Sanhaço Real
Alma de Gato
Pardal
Piriquito Tizin
Tiziu Tizin
Tiziu Tiziu
Chora Chuva
Cambaxirra
Tallamor
Cabeleiro
Bico de Prata
Bico de Prata
Cambaxirra
Curiango
Coruja
Sabiá
Sabiá
Sabiá

O SEGREDO

Vim de carro. O cemitério se deita no chão da colina. Há meses não venho. Tudo parece calmo nesta tarde próxima do Natal, embora não me acalme o perfil de pedra da cidade que vejo ao longe. Dos túmulos, perdidos no chão, só se avistam as lápides de granito ou mármore. Ou apenas de cimento. Fiscalizo justamente o retrato de mamãe e certa vivacidade que parece brotar de seu semblante. O semblante de quem sempre escondeu alguma coisa. Só isso. Ela continua séria com sua blusa de bolinhas. E o cabelo não cresceu. Ela continua guardiã e eterna advogada de sua própria experiência de vida.

Do sol quase posto, resta uma luz estranha, flutuante, fremente. A brisa flui com seus efeitos benéficos. Sobre o verde gramado, velhas folhas se espalham. Dói um pouco fazer este inventário, explorar esta paisagem reveladora da dinâmica do universo, dos laços entre atmosfera e terra, das trocas entre os seres e o solo. Uma paisagem reveladora do destino da matéria. E da enorme distância entre o homem e o céu.

Tudo poderia ser pensado sem nenhuma inquietação, sem nenhum movimento, mas a vida é justamente o contrário. Assim, retiro os sentidos para um outro tempo, para uma outra ordem natural de coisas. Lentamente, abro as portas do passado. Tudo está longe, mas ainda consigo ver e sentir. Eu estava no fim da infância. Uns dez anos de idade. Acentuada sensação de pânico. Pânico por tudo, pânico por nada. E urgência de futuro.

Foi num dia de Natal, numa inesquecível tarde de Natal, depois do almoço, que a frase de mamãe, quase cochichada para alguém, caiu nos meus atentos ouvidos: “Tenho um segredo que vou morrer com ele”. Segredo? Foi um choque. Meu Deus, minha mãe tinha um segredo. E a palavra ficou existindo soberana. Intolerável. Segredo? Do resto, o mundo ficou vazio. O que seria? Com certeza algo muito sério, tal o tom de sua voz denunciara. Ela parecia ferida de alguma verdade. E feriu-me também. A partir daí, só um desejo me movia. Conhecer aquele segredo. A cada batida do meu coração excitado, a pergunta era a mesma. Minha imaginação rodopiava pelas ruas, cidades e mundo inteiro, em busca de alguma coisa surpreendente. Alguma coisa que pudesse merecer tanto sigilo. Usei os melhores recursos para soltar a língua de mamãe e fazê-la contar o que planejara guardar para sempre. Seria segredo de amor, morte ou loucura?

De vez em quando, aproximava-me com minha bisbilhotice, conversas vagas, indagações sinuosas. Instigações. Pedia-lhe histórias de seu tempo menina, de seu tempo mocinha. Ela caía na trama. Confessou certa vez, cheia de amarga doçura, que sua irmãzinha morrera de fome. E tudo por orgulho do pai. Ele, numa fase difícil da vida, recusara-se a pedir leite ao fazendeiro vizinho. A mãe, seca de leite, dava papa de trigo e água ao bebê. O bebê se foi. Mas é triste, pensei, e tão forte que perguntei à queima-roupa: “Esse é o segredo que você ia levar ao túmulo”? Surpresa, ela respondeu: “Não, filha. Não é esse, é um muito maior, muito maior”. E ficou mais séria do que nunca. Caí num abismo. Fiquei maluca de impaciência. Mas deixei o tempo passar. Uma vez ou outra, uma artimanha para descobrir o que mamãe considerava irrevelável. “Você casou esperando criança”? Sussurrei assustada certa vez. “Deus me livre, menina”. “Você traiu papai”? “Credo! Filha. Nem pense uma coisa dessas”. E assim prossegui no meu inquérito pueril, ano a ano, até me adaptar aos limites do respeito à privacidade daquela mulher tão austera.

Bem mais tarde, depois de muitos percalços, tanto na vida dela quanto na minha, quando ela se encontrava num delicado estado de nenhuma saúde, quando sua alma sufocava nos profundos silêncios que antecedem um grande transe e quando tão pouca coisa eu sabia dela, nesse instante, ainda fiz uma última tentativa, uma leve tentativa movida por delicada oratória.

Hoje, nesta tarde próxima do Natal, acerto as lembranças com certa ansiedade. Uma borboleta, pequena e alaranjada, minúsculos pontos negros nas asas, gira frenética em torno de uma flor do gramado. Para, torna a girar, numa adoração necessária e substancial. Penso nos segredos intocáveis, penso no mundo feito de mulheres que economizam histórias, no mundo feito de mulheres misteriosas que se vão para sempre com seus mistérios.

Extasiante, a brisa mantém orientação norte-sul campo afora. Já depositei na sepultura a braçada de gérberas. Olho o vazio. Olho as nuvens agora douradas. Que segredo em vão esperei e mamãe levou consigo? Que segredo foi esse que eu quis tanto roubar de sua sagrada e tenaz vontade de guardá-lo?

O que ela nunca me disse, até hoje me persegue.

IN: RDM, 39, ano IV, 21 dez. 2003, p34.

PEQUENO SER VIVO

(deste vazio eu não morro)

eu
pequeno ser vivo
as vértebras doendo
olhando o firmamento

começa neste instante
a esboçar-se a noite
é raro que eu não dê atenção ao fato
é raro que eu não chore um pouco
é raro que eu não tenha um desejo

diante do crepúsculo
num canto particular do mundo
reconheço
que muitos e muitos
já publicaram o assunto
e felizes foram e felizes foram

que modo simples e maior existiria
para eu ser feliz como aqueles?

qual é
ainda não sei.

TATURANAS

No coração do cerrado afetado pela seca
o fogo surgiu de súbito
de um desconhecido foco inicial
tomando um rumo qualquer.

No inferno que se fez
o reino animal se pôs em fuga.
Seriemas e lagartos (seguidos por labaredas)
Pediam passagem à vida.

Ao longo de uma estrada
numa única direção, desesperadas,
também taturanas fugiam

centenas de taturanas enfileiradas fugiam
com seus corpos sanfonados
num insuportável esforço de sair
de dentro delas mesmas.

SOPA

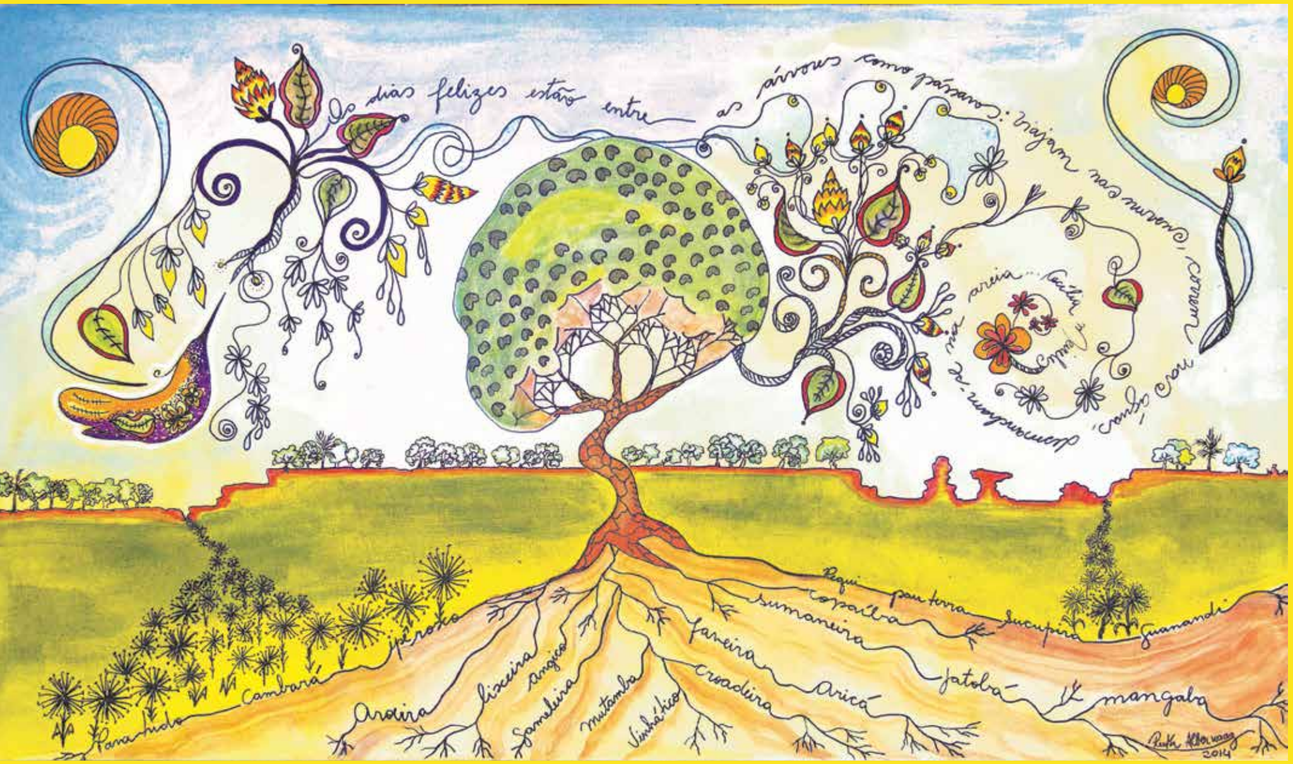
Os ossos
perderam cálcio e densidade.
Sem resistência, meio inclinada,
ela se entrega à sopa escaldante

ao aroma errante
aos vapores fatídicos que se espalham
de uma fonte de verduras
junto ao rosto

de tal modo que
embora brilhe o sol
nos longes do horizonte

escuras nuvens se formam
nas latitudes mais próximas
do coração.

Os poemas foram extraídos do livro *Sopa Escaldante*, 2001



ESTRANHO SONHO

"Algunas veces cazamos vampiros. No son repulsivos ni malvados como cuentan las leyendas". Maria Rosa Lojo.

Na verdade, algumas vezes encontramos vampiros e então percebemos sem a menor dúvida que o mundo é absurdo. O mundo é cheio de pessoas absurdas, de coisas fantásticas e fatos imprevisíveis. Nesta história, os personagens são particularmente surpreendentes. Levam a crer que nasceram um para o outro, pois, sendo belos, seus únicos e incomodativos defeitos se justapõem e se complementam.

Eram dez horas da manhã em Lisboa. O voo Lisboa-Roma iria durar o tempo suficiente para que ela se desfizesse de uma certa aflição. Era o que pensava, no momento em que percorreu a largos passos o túnel que a conduziu ao interior do avião. Seguiu decidida para o assento indicado no cartão de embarque. Acomodou o corpo, mas não o espírito. Fazia tudo com paixão. Estava em busca de algo totalmente novo. Indefinível, ainda. Talvez algum prazer que pareceria inusitado aos olhos do comum mortal. Talvez algo como a verdade atrás do sonho. Do estranho sonho que costumava lhe acontecer ao cruzar a espessa fronteira do sono.

Endireitou-se na poltrona. Vestia-se com certo toque emotivo. Conjunto jeans de um azul profundo. A blusa ampla, toda aberta, deixava entrever uma camiseta florida colada ao corpo esbelto. Era jovem, extremamente bonita, cabelos longos, escuros e volumosos, contrastando com a pele muito alva. Os olhos, entre o verde e o dourado, eram carregados de um mistério inútil. Qualquer um que a olhasse, nem precisava ser com insistência, descobriria de imediato um outro

detalhe do seu corpo. Uma parte anatômica com a qual ninguém se importa, mas que nela chamava a atenção. Era seu pescoço. Sim, o pescoço. Estranhamente longo. No entanto, fascinante em sua textura de seda, em sua transparência e pequena ondulação de pássaro. Na família, ganhara apelidos. Cisne, garça...

O avião já estava lotado. Ao seu lado, sentou-se um menino. Os pais ocuparam duas poltronas próximas, na lateral direita. Ela sorriu levemente. O garoto correspondeu com um olhar tranquilo, logo desviado para a pequena cruz de rubi que ela trazia na corrente em torno do pescoço.

Finalmente, a decolagem dentro do horário. Ela experimentou a sufocante sensação de que estava perto de se desintegrar. Depois, quando o aparelho se posicionou, sentiu-se flutuando e aí sim, acalmou-se. O olhar clorofilado perdeu-se nas orientações de voo. O pensamento foi ao passado mais próximo. Viu-se em sua clínica. Viu seu casamento desfeito após um ano apenas de convívio. Ela concordara quando ele dissera aos quatro ventos: não nascemos um para o outro. Na lembrança, a figura do marido. Amargou o instante. Respirou fundo. Mudou o rumo do pensamento. Lá fora, uma rota de flocos de algodão no fulgor do sol. De vez em quando, distraía-se com o garoto. Não fazia muito, ele derramara o refrigerante.

Era maravilhoso viajar para o desconhecido. Estar num vôo assim, dentro de uma grande mariposa de alumínio, avançando em direção ao céu da Itália, desligando-se de sua terra tropical, de sua família, seu povo e sua língua. Suspeitava, sem saber exatamente a razão, que Roma era a velha cidade do seu sonho recorrente. Desde menina, sonhava as mesmas cenas. Via-se diáfana, voando na penumbra, ora sobre um rio, ora sobre ruínas. Depois, em chão firme, percorria ruas silenciosas, desertas. Encontrava uma fonte. Mais ruas estreitas. Finalmente, uma casa em destaque. Alta, plangente, com sala enorme, espelhada, escadaria de mármore. Na sala, esperando-a, um homem de beleza indescritível. Sorridente, ele se aproximava e a beijava. No pescoço. De início, levemente, mas a pressão do beijo crescia, crescia e tudo ficava nebuloso. O sonho terminava quando ela se olhava no espelho e percebia dois sinais rosados na garganta, bem junto da jugular. Sonho obsessivo, inapreensível.

A voz calma do comandante anunciou a chegada. Roma, eterna e triste, descortinou-se aos seus pés. Desembarcou em Fiumicino. Recolheu as malas, chamou o táxi, chegou ao hotel. Seu quarto, o 762, tinha cores claras, lindos móveis e leves cortinas açoitadas pela brisa. Sua maior sensação era a de que iniciava vida nova.

Nos primeiros dias, as peregrinações comuns das rotas turísticas. Até visitou outras cidades: Florença, Veneza, Gênova, Pisa. Em sua décima terceira noite, acordou assustada. Quarto às escuras. Voltara-lhe o sonho. Ligou as luzes. Tomou água. Procurou instintivamente o espelho. Alívio. Nada errado se passara. A vida seguiu. Mergulhou no tempo. E foi o tempo que lhe ofereceu um mistério particular. Chegou um momento em que Roma começou a chamá-la com brados silenciosos. Eram apelos que vinham de todas as partes, de todas as vias, de todos os lábios de mármore.

No seu vigésimo nono dia, acordou bem-disposta. *Il sole* entrando no quarto e na alma. Ligou para os pais. Leu. Arrumou-se. Almoçou no restaurante do hotel. À tarde, resolveu caminhar, simplesmente caminhar, sem rumo, sem pressa. Numa loja da Via Sistina comprou um batom. Chegou até a Piazza Navona. Andou mais. Fontana di Trevi. Mais ainda. *Che giornata memorabile*. Deu-se conta que percorria as estreitas ruas de Trastevere. A noite começava a trazer seus véus. Mas ela não tinha medo da noite. Estava sim, faminta. Desejou o restaurante mais próximo. Avistou-o, momentos depois, no dobrar da esquina. Era um grande e morto edifício. Aproximou-se numa súbita excitação. Empurrou a solene porta. Viu-se diante de uma imensa sala vazia, escada de mármore ao fundo, tapetes vermelhos, como sangue. Espelhos. Contemplou-se. Estava lilás como uma orquídea. Parecia uma virgem desgarrada da Capela Sistina. Uma linha tênue, azulada, desenhava-se em seu pescoço.

Embora não houvesse ninguém, dirigiu-se a uma das mesas. Não se sentou. Estava inquieta. Talvez fosse cedo para jantar. Quando já se decidira a sair, surgiu-lhe, como por encanto, o garçom. Sente-se, temos o melhor cardápio de Trastevere, disse ele, num tom ansioso. Ela não se moveu, de puro assombro. Ficou hipnotizada. Nunca vira um homem tão belo quanto aquele. Tinha olhos também verdes, que emitiam uma luz antiga como de estrela. Olhos fitos, não exatamente no rosto dela, mas na garganta. Ela sentiu desejos de perguntar àquele homem: há quanto tempo você me espera? Ele, aproximando-se, respondeu fascinado: há séculos. Gerou-se uma tensão. Ela só havia pensado, não falara nada. Não sabia o que estava acontecendo. Sentiu o coração *accelerato*. O sangue fluía irregular em suas artérias. Pescoço e púbis latejavam. Fez menção de sair. Ele impediu, aproximou-se mais e sorriu. Esse sorriso foi uma espécie de revelação. Ela vacilou, chegou a detestar o que viu, ou melhor, ficou atordoada, tão exagerado lhe pareceu. E aceitável.

Dentro daquele sorriso, brilhavam dois caninos, levemente pontiagudos, branquíssimos, cheios de urgência. Isto, foi só o começo. Muito tempo se passou. Até que um dia, como figuras de sonho, ela e ele foram vistos num barco, no Mar Tirreno, a caminho de Capri, a ilha do amor. Mas essa, essa é outra história.

IN: A Gazeta, Cuiabá-Mt. 13 set. 2001. p 3E.

SEGUNDO DOMINGO COMUM

Segundo domingo comum:
aberto na ausência de um sol
parado na rosa em seu cálice
inatingível
como as mães que já se foram

Segundo domingo comum:
entrando pela porta da igreja
saindo pela porta do cinema
impensável
fora da vida e das coisas

Segundo domingo comum:
seu material é sempre o mesmo
vejo pássaros chegando aos frutos
insetos à flor
fiéis aos deveres litúrgicos

Segundo domingo comum:
meu dia de folga
meu dia de Deus
igual a outros domingos
como iguais são os ovos.

FIGOS

O nada é uma grandeza indescritível
dimensão que me fadiga e maravilha.
É como se Deus me perguntasse:
O que vês, filha?
E eu não soubesse responder
com absoluta clareza
como o fez Jeremias
diante de dois cestos de figos.

TUIUIÚ

De nossas necessidades
faço histórias, ponderações, estudos
explicação comum de tuiuiú eu tenho:
ele passou da conta no crescer

o tuiuiú, quando acorda e abre as asas,
ultrapassa as bordas do amanhecer
deste modo,
o espaço aéreo só comporta um.

O tuiuiú é tão grande, tão grande que
ao levantar voo
o céu sai de perto.

Por fim, Senhor meu, por fim
quando um tuiuiú vai a óbito
(porque nesta vida não falta adversidade)
quando um tuiuiú vai a óbito,
as borboletas requisitam guindaste
(Pelo menos para as penas – do lado do coração).

Os poemas foram extraídos do livro *Leito de Acaso*, 2004

UM POUCO DE PÃO

Antevéspera de Natal, seis da tarde, o dia se fechando docemente sobre a cidade. Apenas o céu tem a grandeza e as cores de um conto de fadas. Nas ruas, rente ao chão cinzento, o burburinho, o cheiro dos combustíveis, as tensões de um dia que termina. Com pressa, estaciono o carro no meio-fio da padaria. Desço, aciono o alarme e entro. De imediato, os panetones e bolos de nozes me comovem. Minha língua dança numa enchente. O pão francês acaba de sair do forno e o seu aroma começa uma viagem pelos ares. Meu destino se parte num antes e num depois, porque um pequeno episódio, inevitavelmente, toma corpo e continua fantasma.

No meio da paisagem açucarada, um tanto indecisa, chego ao balcão. A moça que atende está visivelmente estafada, boca lacrada e olhos taciturnos, de modo que apenas escuta o meu pedido. Pão francês e panetone, falo em voz baixa, meus olhos mergulhando na massa de frutas cristalizadas. Um homem alto, segurando a sacola de pães quentes, pega seu troco no caixa e sai acompanhado por uma menina que é a cara dele.

Pausa.

Silêncio.

A vendedora é um show de lentidão e descontentamento. Mas eu tenho paciência. Aguardo, submersa em nenhum pensamento. Aqui e ali, perambula meia dúzia de inevitáveis mosquitos. Embora as portas da padaria estejam parcialmente fora do meu campo de visão, noto quando ele entra. Denota meia idade. É negro, barbudo, está descalço e veste uma camisa suja e rasgada. Devagar, ombros ao peso das agruras, peito cheio de temores e costelas salientes, ele caminha até o caixa. O dono do boteco está lá. Escuta o pedido do maltrapilho: “O senhor pode me fornecer um pouco de pão? ” Esse “me fornecer” me intriga. É um pedido de compra a prazo ou um jeito diferente de pedir esmola? Não sei. O proprietário, empapado de suor, desagradável e contrariado, resmunga entre seus bolos e pães: “Não, não posso”. Logo a seguir, insensível, despacha o mendigo que sai bruscamente, com um jeito acostumado ao não. Tudo se passa rápido, mal tenho tempo de me acomodar ao imprevisto. O tempo é tão fugaz na indecisão. Quando, afinal, a centelha me ilumina, o homem já vai longe, longe, na porta da padaria.

Pausa.

Desconforto.

Uma espécie de vazio instala-se ao redor. O proprietário, gordo, enorme, mas de esquelética caridade, não se abala. Pago minha compra, volto ao carro e parto para o mundo. Revejo o mendigo, um minuto depois, na primeira esquina do percurso. Por que não paro e lhe dou umas moedas? Por que não lhe ofereço o meu pacote de pães? Seria tão fácil. Pelo retrovisor, percebo quando ele, de olhar espantado, atravessa a faixa de pedestres. Acelero. Vou pelo fio do tempo, fugindo da desordem do espírito e presa àquilo que vou perguntar repetidas vezes, pelo resto dos natais: “Senhor, você pode me fornecer um pouco de perdão? ”.

IN: A Gazeta, Cbá-MT., 24/25 dez. 2000. p 1 E.

À BEIRA DO LAGO

Certa manhã
(pois todas as coisas que amo, espalho)
certa manhã
sentei-me à beira
do Lago de Zurique
que continua lá
na sua paisagem comum
onde o vi como um espelho
por patos retalhado

Sempre volto a algum fato
pego o começo de alguma coisa
um nó
para que o mistério seja possível

Certas lembranças
são como substâncias cristalinas
posso dividi-las em planos paralelos
e ganhar forças na recristalização
(esta)
Só quero mostrar a vida
em seu estado natural
de atos e gestos
pequenos eventos, inquietações
Mas tudo é tão vasto
e qualquer poema
é um mundo à parte.

NOTÍCIA MÍNIMA

Coisa nenhuma se esconde à vida
e nem se esconde ao poder da língua
a notícia mínima

Um ovo levemente frito está no prato
a ponto de ser um sonho, elemento perfeito,
mantimento ativo

E tudo se reduz ao velho e justo termo:
o que vive sem sonhos, vivendo, está morto.

Os poemas foram extraídos do livro *Leito de Acaso*, 2004

A SEDUÇÃO DE CERTOS MOVIMENTOS

Em pleno velório
indócil à rigidez da morte
estudo o seu inverso: a vida
a voracidade
a sedução de certos movimentos ansiosos
das chamas que se agitam

Quero tudo
que não esteja parado
nem tenha entrado em descanso
Quero tudo
que não se deite
em posição tão paralela ao horizonte

Depois de o tempo se fartar das velas
(nos quatro cantos do funeral)
dou graças a mais um pormenor
que enfim me conforta:
os lagos de parafina
no fundo dos pires
(sempre fui assim)

TEMPO COMUM EM PALAVRAS

(A noite é passada e o dia é chegado)
Eis o tempo comum em palavras
Notícia bem-aventurada
que recolho dos Romanos
como se recolhem ovos nas fazendas
Ponho em todas as palavras
uma alegria serena
porque me fazem grandes coisas
porque delas e por elas e para elas
também vivo
e sem cessar me maravilho.

VOVÔ MORRERÁ HOJE

Pois lhe conto. São quatro horas da tarde. É espantoso sim, mas vovô morrerá hoje. Mais espantoso ainda é que ele estará morto antes mesmo de morrer de fato. Com oitenta e dois anos, apesar de forte e saudável, vovô morrerá hoje. E será no início da noite. E atrapalhará o jantar. Este é meu jeito estranho de recordar o que ainda vai acontecer. Como não pode ser de outro modo, acompanho os antecedentes do atropelo.

Neste momento, apressada e atônita, uma barata avança bem rente ao rodapé da parede de adobe. Ela avança por partes, de vinte em vinte centímetros. Percorre uma distância total de cerca de dois metros, para, gira rapidamente entreabrindo as grandes asas, volta pelo mesmo caminho, dá outra parada e se ajeita para atravessar a sala. Estou seguro de que vai atravessar a sala. E será em desabalada corrida, quase como um relâmpago, pois num campo aberto assim, o risco é enorme. Enquanto ela mantém as antenas duvidosas frente ao mundo, mudo o rumo do meu silêncio.

Contente de voltar da escola, eu descubro que o dia é muito grande para mim. Também já sei que a noite é o núcleo em torno do qual gravita o meu destino, e o destino de vovô, e de todo mundo. É engraçado, o número de horas que gasto sem fazer nada está acima da cota de tempo que me foi dada. Difícil este cálculo. Meu ócio é mais duradouro do que minha própria vida. Por conta disso, engano o tempo. Talvez fique tão velho quanto vovô, que morrerá logo mais.

Todas as tardes, entrincheirado em algum lugar, faço-me atento aos movimentos da casa, que bem pouco se mexe. Papai está sentado num jirau, lá perto do cajueiro. Aos pés dele, cautelosas e taciturnas, três galinhas ciscam. Seriam quatro não tivéssemos comido uma no domingo. Mamãe está fora do meu foco, mas vem da cozinha doce aroma de chá. Nas sombras da varanda, alheio aos bens terrenos, vovô está na rede – seu lugar cativo.

Diante dos meus olhos, afasta-se o dia, assim: a pacífica luz do entardecer sai de mansinho de dentro de casa. Ergue-se do chão da varanda e deixa vovô na penumbra. Ela, a luz pacífica, sobe no velho telhado para entrar nos olhos do gato. Enquanto eu for pequeno, isso me acalma. Vovô se embala na rede, lentamente. O semblante vago, como se ignorasse o que está ao redor. Vejo que há muitas noites sobrando nas bordas de seus olhos. Vejo a eternidade que se aproxima.

Vovô se balança na rede, suavemente. A rua dança e dançam as folhas da mangueira. As amarelas caem. Estão cansadas. Vovô está cansado. E este vento repentino, gerando certezas fúnebres? E a eternidade, com fome? A barata continua imóvel. Um leque marrom – aquelas asas semiabertas. Volto àquilo que se vai. Meu peito dói ao frio perfume. Uma sombra, maior do que a casa, está dentro da casa. Quero correr e não consigo.

Vovô, chamando por vovó que já morreu, começa a roncar levemente. Um leve crepitar. Já não lhe vejo um dos pés imprimindo embalo à rede.

— Pai, o que foi? Está sonhando? — Pergunta papai, que se ajeita para sair do quintal, o vento já lhe alcançando o sangue.

— Nada não — gemeu vovô ao filho, desde muito longe, como se estivesse deitado na curva da meia-lua. — Nada não — voltou a dizer.

Agora, vovô está roncando forte, numa sequência de sons cada vez mais secos e obscuros. Papai se aproxima, desassossegado. Vovô transpira em bicas. Papai se alarma. Vovô não está nada bem. É preciso chamar o médico. O médico é vizinho, que bom, e vem no ato, e examina vovô, e pega aqui, e pega ali. Depois recua, chama papai num canto. Fala claro. — Seu pai está morto — e papai, admirado, retruca.

— Mas como?! Ele respira, pude perceber. E o ronco? É de vivo.

O médico, amigo, entre sério e abalado, mas muito convicto, repete:

— Estou dizendo, está morto. Vai lá, pega nele.

Papai, num átimo, vai e toca em vovô, empapado de suor. A seguir, volta tartamudo.

— Nossa! Ele está gelado, doutor. Tem uma água pegajosa no corpo. O que é isso? — E o médico, olhando o horizonte imediato, responde.

— É a morte, pode crer. Conheço-a muito bem. É ela.

Vovô, de modo surpreendente, morto antes de morrer, retumba como um trovão fora das nuvens. Papai não sabe o que fazer. Olha para todos os lados. Ninguém pode fazer nada. Vovô para de roncar. Seus ossos se quebram e a alma se vai. Está morto enfim. Mas parece mentira.

Mamãe, já dentro do meu foco, com gestos suaves, acendeu uma vela. Uma névoa negra de pernilongos frenéticos, cantando fininho, vem chegando para o velório. Ninguém se lembrou ainda de me procurar. Puxa vida. Nesse tempo todo em que estive esperando vovô morrer, perdi de vista a barata. Da última vez que lhe pus os olhos, estava hirta, incapaz de atravessar a sala. Deveria percorrer poucos metros até alcançar a cozinha, talvez, ou algum lugar no meio da noite. Foi para criar coragem, com certeza, que ela se deteve. Coragem para armar os passos e se atirar sala afora, sem esbarrar na morte. Sem esbarrar na morte.

IN: NA *margem esquerda do rio: contos de fim de século*, organizada por Juliano Moreno e Mário Cezar Silva Leite. Contos. São Paulo: Via Lettera, 2002.

ÁTOMOS

Como se há de resistir
à ronda dos vazios?
Átomos perambulam no ar
átomos estão suspensos no ar
pequeníssimos
inquietos
elétricos
saltam para fora de seu lugar
voltam a formar um bando
mero ponto de partida

Não é fácil ganhar o céu.

AMOR ÀS HORTALIÇAS

Pequenos detalhes não me escapam
em certas necessidades

Enquanto persevero
fiel no amor às hortaliças
que entre a língua e o céu da boca
em glórias saboreio
não me abstraio
do curso indispensável
e da característica comum dos seres
de intestino aberto no fim
(em ânus).

ARRANHA-CÉU

Talvez o momento seja
subitamente propício
é maio no hemisfério sul
o outono segue tenaz
degolando as folhas
e não tira os olhos do meu pescoço
ao longe há nuvens ingênuas mascando
a cimeira de um edifício
insípido
empedernido
e altivo
como todo arranha-céu.

ANOITECE

Anoitece, não hoje
Sombras já se elevam
muito acima do chão
Relações de trabalho se destecem
Veículos e pedestres
formigam nas ruas
(a ponto de colisão)
dão-se pressa para chegar
Há tristezas de permeio

Luzes se avivam
Cada operário procura a sua.

Os poemas foram extraídos do livro *O passo do instante*, 2019

OUTRA GALINHA

Em outro domingo
outra galinha

Isso não é muito
mas é um começo

Fugia
Fugia
Via-se forçada (por assim dizer)
a emparelhar com o vento

Corria
Corria
Mal podia dar um passo
fora do horário de morrer.

"EM NOSSA NUDEZ"

Desabotoamos
nossos trajes
incontáveis vezes
conforme a rapidez
com que o tempo passou

Acumulamos tempo
em nossa nudez

Mil e uma noites de sono
já nos prepararam
para a noite mais longa
Aquela na qual
não iremos
nos revolver na cama

(até a alva)

TRAÇOS

Nada sei das tardes
consumidas por sua ávida memória
E menos sei de outros cansaços
demônios, amantes, rupturas
Contudo
o pouco tempo gasto nesses traços
fortalece conjeturas de tumultos
narcisos fluindo
nas máscaras cotidianas
A rigor
este é o retrato
de quando se elimina a vida
e faço
à base de virtual imagem
quando o virtual é moda
e fica bem
(e burla as dores).

Os poemas foram extraídos do livro *Leito de Acaso*, 2004

Ruth Albernaz
Artista Convidado

BIOGRAFIA

Ruth Albernaz Silveira nasceu sob o signo de câncer em Chapada dos Guimarães – MT (1972). Começou formalmente suas experimentações em arte aos 12 anos, quando aprendeu o ofício do papel artesanal no I Festival de Inverno de Chapada dos Guimarães. Elaborava composições com elementos da biodiversidade do Cerrado sobre os papéis que confecciona. Em sua trajetória se transformou em uma artista visual interdisciplinar, utiliza-se de diversos suportes e propõe um transbordamento de linguagens para suas composições em papéis, instalações, desobjetos, pinturas, xilogravuras e poemas.

FORMAÇÃO ACADÊMICA

• Doutora em Biodiversidade Amazônica pela Rede Bionorte - MCTI, com pesquisa junto ao povo indígena Rikbaktsa pelo viés Arte/cultura/conservação da biodiversidade da floresta Amazônica (2016);
• Mestre em Ciências Ambientais (2010);
• Especialista em Gestão colaborativa de sistemas sócio-ecológicos da Amazonia brasileira, Universidade do Estado do Mato Grosso/ Universidade da Florida;
• Graduada em Ciências Biológicas, Universidade Federal de Mato Grosso (1996).

Prêmios e homenagens

• I Prêmio Unimed Receita de Cidadania (2003);
• Moção de Louvor concedida pela Assembleia Legislativa (2003);
• Moção de Aplausos concedida pela Câmara Municipal de Cuiabá (2003);
• Moção de Aplausos pela Câmara Municipal de Cuiabá (2019);

Salões de Arte

• XIX Salão Jovem Arte Mato-grossense (2000);
• Salão de Arte de Mato Grosso (2013).

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS
• Exposição Casa de Ninha, instalação site specific para Sesc Pantanal, outubro de 2019;
• Exposição Bio, galeria Sesc Rondonópolis, Mato Grosso, junho a setembro de 2019;
• Exposição e ocupação "Ninho de Palavras", instalação site specific para o Sesc Arsenal, abril de 2019;
• Exposição e ocupação "Casa Cuidar", instalação site specific para o Sesc Arsenal, 2018;
• Exposição e ocupação "Jardim Cura", instalação site specific para o Sesc Arsenal, 2018;
• Performance Tsanipê, com participação de Sophia Mehinako, Aldeia Guaná, Sesc Arsenal, 2018;
• Exposição Patuá, sala expositiva do Sesc Casa do Artesão, Cuiabá – MT (2016);
• Voos Xamânicos, Galeria do Sesc Arsenal, Cuiabá - MT (2014).

EXPOSIÇÕES COLETIVAS
• Exposição coletiva "+300" Homenagem à crítica de arte Aline Figueiredo, galeria Arto, Cuiabá – MT, 2019/2020;
• Exposição coletiva "Opus Magna", galeria Arto, Cuiabá – MT, 2019;
• Exposição coletiva "A arte de amamentar", Palácio da Instrução, Cuiabá – MT, 2019;
• Exposição coletiva "Dentro do Brasil cabe o Mundo", Sesc Quitandinha, Petrópolis – RJ, 2018;
• Exposição coletiva de Arte Híbrida "Para encontrar o azul eu uso pássaros" – homenagem ao centenário de Manoel de Barros, Museu de Arte e de Cultura Popular – MACP/UFMT, de 05 de dezembro de 2017 a 28 de fevereiro de 2018;
• Exposição Coletiva "Educação, Diversidades Culturais, Sujeitos e Saberes", com curadoria de Marcelo Velasco, Museu de Arte e de Cultura Popular – MACP/UFMT, 2017;
• Exposição Coletiva "Natureza Substantivo Feminino", Museu de Arte de Mato Grosso, Cuiabá-MT (2016);
• Exposição Coletiva "Intersecções da Arte em Território Interdisciplinar", curadoria de José Serafim Bertoloto, Museu de Arte e de Cultura Popular MACP-UFMT, Cuiabá-MT (2016);
• Exposição Coletiva "Transmitologismo João e Maria", A Casa do Parque, Cuiabá –MT (2016);
• Exposição Coletiva "Prova de Artista convidada da Exposição Poesia da Linha e do Corte de Lasar Segall", Galeria do Sesc Arsenal, Cuiabá - MT (2015);
• Exposição Coletiva "Fecundo Cerrado, Museu Morro da Caixa Dágua Velha", Cuiabá – MT (2014);

CURADORIAS
• Exposição Individual "Da sonoridade à cor: o que conhecemos de João Pedro Arruda?", Museu de Arte e de Cultura Popular da Universidade Federal de Mato Grosso, julho a outubro de 2019;
• Exposição Individual "Metamorphosis" de Regina Pena, galeria do Sesc Arsenal, 2019;
• Exposição coletiva de Arte Híbrida "Para encontrar o azul eu uso pássaros" – homenagem ao centenário de Manoel de Barros, Museu de Arte e de Cultura Popular – MACP/UFMT, de 05 de dezembro de 2017 a 28 de fevereiro de 2018;
• Exposição Coletiva Natureza Substantivo Feminino, Museu de Arte de Mato Grosso (2016);
• Exposição Individual Toda Forma de Amor Valerá, de Rosylene Pinto, galeria do Sesc Arsenal e Galeria do Sesc Rondonópolis – MT (2017);
• Exposição Individual Mar calmo nunca fez bom marinheiro, de Rodolfo Carli, Museu Histórico de Mato Grosso (2016);
• Exposição Individual Oníricas, de Sálvio Júnior, Museu Morro da Caixa Dágua Velha, Cuiabá – MT (2015);
• Exposição Coletiva Fecundo Cerrado, dos artistas Benedito Nunes, Carlos Lopes, Guadá Senatore, Rosylene Pinto e Ruth Albernaaz, Museu Morro da Caixa Dágua Velha, Cuiabá – MT (2014).

PUBLICAÇÕES
• Ilustração do livro Bicho Grilo, poesias de Cristina Campos, editora Carlini e Caniato (2016);

OUTRAS PRODUÇÕES E ATUAÇÕES
• Montagem da Exposição itinerante Brinquedos do Brasil, Sesc Poconé, outubro de 2019;
• Capa de cd da cantora Verá Capilé (2016);
• Capa do Livro Avaliação da Resiliência Socio-ecológica como ferramenta para Gestão da Fronteira Amazônica: experiências e reflexões, Universidade da Florida – UF /Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT (2017);
• De 2000 a 2005 coordenou o projeto social "Vivaarte por um mundo melhor" junto aos jovens do bairro Ribeirão do Lipa – Cuiabá.

FORMAÇÃO COMPLEMENTAR
• Curso de Poesia Experimental com André Vallias, Laboratório da Palavra, Sesc Arsenal, novembro de 2019;
• Oficina de Ilustração com Anna Bela López, Laboratório da Palavra, Sesc Arsenal, novembro de 2019;
• Curso de curadoria (módulo II) com Fernando Vilela, Sesc Arsenal, 2018;
• Curso de curadoria (módulo I) com Fernando Vilela, Sesc Arsenal, 2018;
• Oficina de Expografia com Marcela Tokiwa, Sesc Arsenal;
• Curso de História da Arte com Aline Figueiredo, Sesc Arsenal;
• Oficina de gravura em metal e processos alternativos de gravura com Roberto Tavares, Sesc Arsenal;
• Oficina de Estamparia, Sesc Arsenal;
• Oficina de Cianotipia, Sesc Arsenal;
• Oficina de Expografia com Jeff Keese, Espaço Boca de Arte;
• Oficina de Expografia e montagem com Jeff Keese, Sesc Arsenal;
• Mini-curso de Fotografia, Cannon.

PORTFÓLIO DISPONÍVEL EM:
• http://ruthalbernaz.blogspot.com.br
• https://www.facebook.com/RuthAlbernaaz
• http://lattes.cnpq.br/7469545412351602

Cristina Campos
É doutora em Educação (USP, 2007); mestra em Educação (UFMT, 1999); especialista em Língua Portuguesa (UFMT, 1989), Semiótica (UFMT, 1995) e Semiótica da Cultura (UFMT, 1996). Professora aposentada de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, pelo IFMT – Campus Cuiabá. Ocupa a Cadeira 16 na Academia Mato-grossense de Letras. É autora das seguintes obras: *Pantanal mato-grossense: o semantismo das águas profundas* (Cuiabá: Entrelinhas, 2004), *Conferência no Cerrado* (Tanta Tinta, 2008), *Manoel de Barros: o demiurgo das terras encharcadas* (Carlini & Caniato, 2010), *O falar cuiabano* (Carlini & Caniato, 2014), *Bicho-grilo* (Carlini & Caniato, 2016) e *Papo cabeça de criança travessa* (Tanta Tinta, 2017).

UM VOO SOBRE PAISAGENS DE SONHO

Ruth Albernaaz possui olhos castanhos de falcão marrom, com garras firmemente cravadas (não por acaso) sobre um galho de samaúma – ou ipê, jatobá, buriti (plantas sagradas ou medicinais) –, a contemplar, de modo sábio, penetrante e suave, as paisagens com pepalantus do Cerrado de Chapada dos Guimarães-MT, seu berço-raiz, de onde empreende altos voos xamânicos com este seu animal de poder sobre densas florestas amazônicas e outros locais mágicos. Pássaros encantados em profusão emplumada são então convocados para acompanhá-la nessas jornadas, das quais colhe informações, sementes, penas, flores, cascas, pedras e outros que tais. Carrega-os num *txanipê* (bolsa mágica) a fim de confeccionar patuás, onde combina coisinhas do coração com esses objetos mágicos para promover proteção e cura de pessoas e ambientes.

Em termos bachelardianos, observa-se que o imaginário de quem se conecta fortemente ao elemento terra (Yin) clama por um equilíbrio. No caso de Ruth, o ar age como polo estabilizador (Yang), daí a profusão de pássaros imaginários em voos poéticos e cantos proféticos a sinalizar caminhos e devires. Ela afirma, de modo misterioso e categórico: "Tudo está no ar". As possibilidades são inúmeras, o livre-arbítrio escolhe. A magia da palavra de seus poetas favoritos – serpenteando ou flauteando em fragmentos as imagens nas telas que pinta[1] – funciona como elemento de composição gráfica e reforça o poder deste elemento, afinal, como dizia Manoel de Barros, "poesia é voar fora da asa".

Objetos ou obras de arte utilizados no corpo ou no ambiente não servem apenas como meros enfeites, não têm simplesmente uma função decorativa, mas ancoram energias específicas que se materializam a partir de sua forma, apresentação e posicionamento. O que uma obra representa abre portais para outras dimensões, que adentram os espaços onde se encontra e aí permanecem, interagindo com quem a contempla ou dela se aproxima. Ciente disso, Ruth busca produzir uma Arte que contribua para a reconexão das pessoas com seu Eu e com a Natureza: quanto mais conscientes de si, mais perceberão que tudo o que existe se interliga em dimensões a-paralelas, de modo vivo e belo.

As exposições e instalações que a artista organiza também são imbuídas desta mesma intenção harmonizadora em nível energético – a Arte propicia uma ampliação do olhar.

É admirável e necessária a ousadia de artistas mato-grossenses para nadar contra a corrente e assumir a importância das raízes indígenas na constituição das culturas no Estado, onde a prática (sobretudo das elites) tem sido negar sua presença e força ancestral. Diante dos agenciamentos do capitalismo em nível internacional, que tratora qual rolo compressor paisagens e costumes, os povos indígenas e muitas comunidades, por serem de tradição oral, hoje, enfrentam provavelmente seu maior desafio de sobrevivência, daí a importância de dar a conhecer sua visão de mundo. A Arte de Ruth Albernaaz segue o fluxo deste chamado sem ser ideológica, o que a engrandece por sua sutileza.

Aho, Pachamama! Aho, seres da Terra! Que tal voar?

1 Para a edição deste especialíssimo número da revista Pixé, foram selecionadas obras compostas com técnicas mistas sobre tela, em tamanhos variados.

Eduardo Mahon
42, é carioca da gema, advogado e escritor. Mora em Cuiabá com a esposa Clarisse Mahon, onde passa sufoco com seus trigêmeos: José Geraldo, João Gabriel e Eduardo Jorge. Autor de livros de poemas, contos e romances, publica pela Editora Carlini e Caniato.

A COLEÇÃO DE INSTANTES DE LUCINDA PERSONA

O lançamento de um novo livro é desafiador para qualquer escritor que tome a literatura como propósito. A vertigem ganha contornos dramáticos quando o autor já alcançou o reconhecimento público em vida. Admiradores e críticos sempre se pautarão pelas impressões sedimentadas diante do conforto intelectual em palmilhar um estilo conhecido, explorado, amplamente comentado. Por isso mesmo, não raras vezes, os autores fecham-se em preciosismos estéticos, patrulham-se por detalhes insignificantes, flagelam-se com duras autocríticas e, no mais das vezes, evitam novos desafios. Não é o caso de Lucinda Persona, felizmente. A autora desafia a confortável consagração que amealhou nos 25 anos de carreira literária, com prêmios nacionais e regionais, trabalhos acadêmicos sobre a obra poética e centenas de resenhas favoráveis. Lançou “O passo do instante” e mostrou que o invulgar fôlego literário está longe de acabar.

Lucinda começa a carreira de forma inaudita. Ao contrário do que costuma divulgar em livros e palestras, "Por Imenso Gosto" (1995) não foi a primeira publicação da carreira como escritora. Em agosto de 1987, o programa Poetas Vivos lançou o libreto "Contratempo", assinado pela autora. Articulado por João Bosquo Cartola, esse projeto foi patrocinado pela Casa de Cultura, estrutura antecedente à respectiva Secretaria Municipal. Na época, a entidade era coordenada por Terezinha de Jesus Arruda, uma das maiores agitadoras culturais do Estado. Lucinda integrou essa interessante coleção que se compunha de um pequeno encarte de oito páginas no formato de cartão-postal, podendo ser enviado por correio, estratégia de circulação de baixo custo para as circunstâncias editoriais da época.

Bosquo lançou 11 números do encarte, publicando os seguintes autores: Antonio de Pádua e Silva, com "Cuiabá! Cuiabá! Cuiabá! " em abril de 1987, Maria das Graças Campos, com "Os poemas de amor que não perdi" em conjunto com Wilson Garcia de Alencar com "Meninos das praças", Lucinda Nogueira Persona com "Contratempo", Cristóvão Miranda Uchôa com "Raio X", Rômulo Carvalho Netto com "América", Mário Cézar Leite com "Erótico", Manoel Rodrigues da Costa com "O pássaro sertanejo", Etevaldo de Almeida com "Ave Palavra", Amauri Lobo com "Memória Fragmentária", Maria de Lourdes com "Lado a lado" e, finalmente, João Bosquo o último publicado com "Da poesia", na edição de abril de 1988.

Desde então, Lucinda Persona integrou-se no cenário cultural, somando talento à nova geração que nascia da efervescência ligada à Universidade Federal de Mato Grosso. Ainda que não estivesse muito próxima da autointitulada Geração Coxipó – estudantes da UFMT que tentavam uma alternativa para a cultura centralizadora e elitista da capital – Persona foi, desde o início, reconhecida pelo heterogêneo grupo como uma espécie de "musa", eleita no lugar de Tereza Albuês que passou a morar em Nova Iorque e faleceu prematuramente em 2005. Por isso mesmo, Wander Antunes a convocava a participar da Revista Vôte! e da Estação Leitura e, depois, Juliano Moreno também a quis na equipe de Fagulha e no projeto Palavra Viva. A presença de Lucinda Persona (e de Ricardo Guilherme Dicke) passou a dar lastro às publicações, uma espécie de selo de qualidade e de prestígio.

Na década de 90, nossa musa apareceu na capa de uma importante publicação da Editora Entrelinhas "Fragmentos da Alma Mato-grossense", no topo de uma nova geração que estava representada conjuntamente por Ivens Cuiabano Scaff e R.G. Dicke. No topo, a trinca pretérita "Manoel de Barros, Silva Freire e Wlademir Dias-Pino. Na virada dos anos 2000, integrou a equipe da obra "Na Margem Esquerda do Rio", organizada por Juliano Moreno e Mário Cézar Silva Leite. Na orelha do livro, Icleia Rodrigues de Lima e Gomes usa-se dos conceitos antropológicos de Maffesoli para perceber o sentido "tribal" daquele novo grupo que gravitava em torno de uma pauta estética modernizadora e um conteúdo político defensivista da ótica regional. Consolidava-se, com "Na Margem Esquerda do Rio" um coletivo literário que estava rascunhado desde meados da década de 80.

Lucinda Persona foi uma das muitas intelectuais forjadas no cadinho da UFMT que se constituiu o grande eixo formador da intelectualidade mato-grossense, a partir dos anos 70. Por isso mesmo, ao lançar o primeiro livro pela Massao Ohno – Por imenso gosto – já estava acolhida e reconhecida. A razão para resenhas encomiásticas era evidente: a poesia de Persona, apresentada pela multipremiada Olga Savary, era o que havia de mais contemporâneo. Se Manoel de Barros colocou o cenário sertanejo mato-grossense em relevo, se Ricardo Guilherme Dicke criou mitos próprios a partir deste mesmo cenário, Lucinda Nogueira Persona não seguiu a esperada reescritura de ordem geográfica. Muito ao contrário: o sertão da autora tem outro cariz. A aridez, a solidão, a bravura, o combate, a vitória e a derrota, todos valores inerentes à literatura sertaneja, não se encontram na paisagem do cerrado. Lucinda gira o eixo temático para o grotão insondável da intimidade doméstica, onde o comum é metaforizado.

Manoel de Barros transforma a simplicidade, mas o faz com base em estratégias diferentes. O prosaico manoelino é tratado com foros de fantástico e/ou de lúdico, estranhamento típico da literatura contemporânea, que se vale de lunetas e de microscópios em hipérboles figurativas. O sertão-desumano de José Américo de Almeida, o sertão-solidão de Graciliano Ramos, sertão-universal de Guimarães Rosa, é transplantado para a poesia de Barros, grafado com deliberada ingenuidade e delicadeza, também abordado por Dicke nas inúmeras travessias de seus endurecidos personagens. Portanto, Manoel de Barros e Ricardo Guilherme Dicke persistiram na obsessão descritiva e definidora do que seja "o sertão", retratando as periferias brasileiras ignoradas ou subordinadas, seja pelo viés lúdico, seja pela denúncia social. E Lucinda Persona, o que propõe?

A escritora, mesmo tangenciando na obra a realidade geográfica, mas não faz da paisagem a tônica central da produção literária. Desvencilhada do compromisso recorrente de definir o próprio local, palmilha o enorme sertão interior. Era de se esperar o imediato reconhecimento não só por caminhar fora dos trilhos do cânone mato-grossense, como não se amoldar à forte influência da geração com a qual chegou a conviver de perto. Persona também não cedeu à negociação comum que escritoras faziam com a estética romântica, a fim de angariar aceitação nos círculos tradicionais da cultura mato-grossense. Portanto, a produção da escritora não se volta ao cíclico realismo brasileiro, não comunga do imaginário da terra, não se filia nem mesmo às pautas políticas da própria geração.

As referências de Lucinda Persona provam que a escritora mira alto. A citação de Sophia de Mello Breyner Andresen na epígrafe evidencia a inclinação da poética de Persona, somando-se ao prosaico de Drummond e o decadentismo de Ferreira Gullar. Se Andresen usa o mar como estratégia para tratar da solidão, se Drummond faz da memória e do quotidiano a matéria-prima para cantar a realidade brasileira, se Gullar fixa obsessivamente as frutas apodrecidas como sinal de decadência corporal, política e social, Lucinda Persona vai buscar na biologia recursos para sua expressão singular. São conjuntos temáticos que envolvem (1) vegetais que se transformam em comida, (2) animais que emprestam suas qualidades aos humanos e (3) a intimidade e o quotidiano doméstico, este último viés muito ao sabor da poética de Manoel Bandeira e de Clarice Lispector.

O universo imaginário de Lucinda Persona é, quase sempre, dedicado à ausência. O desproposital passar das horas, a interminável sucessão de poentes, a atomização existencial perdida na faina diária, a reiterada solidão-a-dois plasmada na casa vazia, no silêncio das refeições, no despertar preguiçoso e no adormecer emudecido, todo o conjunto da obra de Persona almeja capturar o tempo e encontrar nele uma motivação, propósito frustrado pelo abismo de ausência. Esse hiato provoca a transformação física expressada no corpo, nas mãos e, sobretudo, no jogo de espelhos que se faz recorrente nos livros da escritora. A ausência não significa necessariamente solidão. Evidencia-se, inclusive, na dedicação integral ao companheiro a entrega ao passar do tempo, ritual em que, juntos, vão contabilizando a sucessão de instantes inócuos entre goles de chá, colheradas de sopa, pedaços de pão. No máximo, o que se vê em Persona é um vazio diferente das convenções literárias, uma solidão amorosa com incondicional resignação.

Devo encerrar essa breve resenha e, para tanto, retorno à obsessão mais notória de Lucinda – a abordagem biológica como veículo metafórico. Entre hortaliças e frutas, ovos mexidos e sopas, o deglutir é o paradigma simbólico da autora. O movimento muscular da deglutição é o mesmo usado para falar ou para soluçar de dor, porque é pela garganta que passam os alimentos, o sabor e o dissabor da vida. Esse "engolir" metaforizado rememora ao mítico Cronos que devorava os próprios filhos, a refletir a força deletéria e inexorável do tempo que a tudo traga, mastiga e consome. A nossa musa desafia e vence o tempo bravamente, em cada poema, em cada livro. Vencer o tempo é, no fundo, entregar-se a ele. Por isso mesmo, não é coincidência o fato da escritora ter iniciado a carreira com "Contratempo" e chegar agora com "O passo do instante". A maturidade é o preço e o prêmio de Lucinda Persona.

Marli Walker
É poeta e professora (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso). Integra o Mulherio das Letras/MT - Coletivo Maria Taquara. Publicou os livros de poemas "Pó de serra" (2006), "Águas de encantação" (2009) e em 2016 lançou "Apesar do amor", selecionado pelo MEC para o PNLD. Em 2020, Lucinda Nogueira Persona completa 25 anos de carreira literária, homenageada por esta edição especial da Revista Literária Pixé e pela peça "No domingo, ele vem nos visitar", de autoria de Eduardo Mahon, com direção de Luiz Geraldo Marchetti.

LUCINDA PERSONA, A FLOR SEMPRE-VIVA DO CERRADO

O *passo do instante* (2019) é o novo livro de poemas de Lucinda Persona, poeta brasileira e, para nós de cá, a grande Dama da poesia escrita em Mato Grosso. O volume com 60 poemas, divididos em duas partes, "Sobrevivências" (22 textos) e "Celebrações" (38 textos), chega encapado com imagem da belíssima obra "Pepalantus", de Regina Pena. A delicada espécie do cerrado brasileiro, popularmente conhecida como Sempre-viva, apresenta um crescimento lento e a floração termina o ciclo da planta. É uma flor que mantém sua beleza, mesmo depois de colhida. Recortes das imagens da capa e contracapa são expostos em detalhes no interior do livro, como que aproximando o leitor da experiência fruitiva, puxando-o, capturando-o para dentro do universo poético.

A obra vem dedicada à memória do "filho, que em sua vida curta foi a própria encarnação do instante". As flores e a poesia, entre sobrevivências e celebrações, constituem o lastro que sustém a poeta e a movem em sucessivos e contínuos versos, poemas, livros (anteriores) inteiros na inesgotável exploração de um mesmo tema: o tempo, este passageiro irreversível contra o qual nada se pode que não seja escrever para sobreviver e celebrar.

Sobre a apresentação de Raquel Naveira, destaco o subtítulo "a poesia outonal de Lucinda Persona", sentença que antecipa ao leitor as sobrevivências e celebrações a serem reveladas no decorrer dos poemas. A resignação do outono é uma lição premente aos que desejam resistir e prolongar *O Passo do instante*.

Seleciono, então, a teoria necessária para amparar os apontamentos desta resenha. Separo o bom e velho Bosi (O ser e o tempo da poesia), escolha óbvia ante o tema da obra; Bachelard (A poética do espaço), de onde penso extrair auxílio para iluminar a fenomenologia da casa e da janela, espaços caros à poeta, sempre presentes de uma forma ou outra e, por fim, Octavio Paz (O arco e a lira – a revelação poética) para acentuar a marca da temporalidade, o ritmo, a repetição criadora que parece ser o motivo constante em Persona.

Qual será, afinal, o motivo da flor Sempre-viva neste *O Passo do instante*? Entre "Gênese", primeiro poema, e "Dúvida genética", poema que fecha a obra, está a Sempre-viva (Pepalantus). Ouso dizer que a flor e a poesia, desde o primeiro até o último verso, encerram em si o motivo de todos os passos e instantes da poeta. Lucinda celebra o outono em estado de genuína renovação e reiterada permanência na estação poética dos dias, das noites, de todas as horas da vida inteira. Este instante soa como o período de aceitação e resignação ante os mistérios inerentes às *Sobrevivências* e *Celebrações*.

Considero os poemas "Gênese" e 'Dúvida poética" os limites que demarcam o início e o fim de uma estação (o motivo da flor), na qual a poeta concebeu uma linha temporal particular neste conjunto de poemas. Nessa parcela de tempo, a questão que lança no último poema, *mudando-se a posição/ de um grupo de palavras/ gera-se poesia*? é retórica, é jogo lúdico que remete o leitor de volta ao primeiro poema, "Gênese", princípio-luz que ilumina todo o conjunto de imagens da obra. Ciente do ofício, é no princípio que Lucinda revela o esforço da criação: *raramente um poema corre/ conforme o planejado/ às vezes, morre ainda embrião /.../ desenrolo/ até não poder mais/ o princípio da poesia/ eu gostaria tanto de acertar/ de não ir para a cama tão tarde.* A poeta acerta em cheio a disposição da linha do tempo dos poemas, a sequência que divide o livro em duas partes e, assim, aprisiona o passo de cada um dos instantes no ritmo de uma temporalidade possível que só se exprime e se perpetua na poesia.

"Boneca de pano" é um poema para o qual chamo a atenção, quer seja pela beleza da imagem que nos coloca diante da criança brincando com sua boneca de pano, quer seja pela leveza dos versos *era como jogar para o céu/ o que eu tinha de mais leve.* No breve quadro elaborado por Lucinda, vemos a delicadeza com que a poeta seleciona, junto à memória, o tempo sagrado da infância para nos dizer, ao fim, que a boneca *ficou no telhado/ A viver por conta própria.* Diz-nos, com essa imagem excepcional, que somos capazes de soltar, libertar para o voo aquilo que temos de mais caro, mais querido e reconhecer que a vida segue, que nem os filhos, nem os amores, nem o instante mais sublime, nada é definitivamente nosso.

Talvez por isso o poema "Folhas caem" encerre em si, de modo tão acentuado, a imagem da ciranda feminina. As mulheres, seres de tantos partos e perdas, de tanta entrega (suas crias vão viver por conta própria!), elas, as mulheres, *quando amam/ cæm/ desfalecidas/*, sejam tão semelhantes às folhas que caem *amarelo-tostadas/.../ numa perda programada/ situação normal de outono/ e todas se juntam no chão/ para tirar mais partido/ do seu sentido de grupo*. Eis o mistério a se revelar ao passo que seguimos irmanadas por entre tantos mistérios.

"Moldura de ocasião" impressiona pela imagem que se abre aos olhos do leitor, como quem vê, pela janela da poesia, a paisagem interior da poeta como um céu inteiro de possibilidades. Ela diz: *a janela que eu tenho/ aberta para fora e para dentro/ não sai de onde está por nada/ e sempre me espera/ com o céu na cara.* Se ela dissesse de outro modo, poderia dizer: a poesia está sempre aqui, aberta, à minha espera, e eu cumpro a sina com o céu na cara, porque esse é o meu motivo e o meu eterno instante.

Por isso, "Com todas as letras", ela sobrevive e encerra a primeira parte da obra assumindo o projeto em cada passada poética, percorrendo os mínimos instantes com lucidez e ponderação:

/.../
seguir assim a pequenos passos
ponderando
veredas

reviravoltas
cambalhotas
escrever sem parar, letra por letra
as palavras que estão à espera
(mas dentro de uma força)
como se estivessem nos labirintos
de uma ostra no fundo do mar
e pelo que sejam muitas ou poucas – tais palavras
arrancá-las à ponta de faca
agrupá-las (uma ao lado da outra)
para um bem-apanhado verso
esperar que possam (no poema)
pender como pérolas
no fio de um colar.

Na segunda parte do livro, as "Celebrações" trazem memórias recentes e a poeta seleciona a imagem de um outubro em "Florença", na qual o passo do tempo ganha materialidade ao descer por colinas, e acaba por entravar o cortejo: *quando chegamos a Florença/ outubro coordenava o mundo/ mas o outono foi o agente provocador/ aquelas folhas amarelas espalhadas pelas ruas/ pareciam o comboio de um invisível cadáver /.../ a sombra do tempo descia pelas colinas/ e entrava a passos lentos naquele cortejo.* E as folhas amarelas foram levadas como comboio de um invisível cadáver, *segundo o seu mistério.*

Na sequência, o poema "Tempo favorável" anuncia uma luminosa constatação: *é tão bom saber que/ o tempo favorável é agora*, sim, pois "Estrelas fervilham" e *parece improvável que alguma noite se apaguem*. No entanto, o verso seguinte apresenta a consciência de que *(nosso destino também deveria ser assim)*, instaurando ou recobrando a sensatez frente ao instante que se esvai no destino de cada segundo.

A partir daí, volta-se a poeta, poema a poema, passo a passo, ao universo interior. Do céu fervilhando de estrelas para dentro de um "Crustáceo", como num passo sem volta, até atingir o estágio em que se arvora entre palavras, sílabas e intervalos possíveis ou impossíveis entre elas. O crustáceo *vive num reino à parte/ desligado dela/ e de todos os outros seres /.../ Não, ela não poderia digeri-lo assim/ encouraçado feito um crustáceo e cru/ unhas compridas/ pedrinhas no rim/ não poderia digeri-lo assim/ com a alma dobrada/ (a blindagem atingindo o máximo) / Que trabalho/ sugar-lhe a polpa/ dos esconderijos.* Não é fácil adentrar ao universo interior sem que uma certa aflição acompanhe o exercício. A angústia se instaura definitiva no poema "Quem está vivo", quando a poeta sentencia: *só quem está vivo/ vagueia pelas horas e pode atravessar/ sem dar um passo sequer/ a paisagem que vem de dentro.*

Eis que ela, a poesia, vem em seu socorro no poema "Tu me observas, ó poesia", e num gesto de entrega, fragilidade e humanidade, Lucinda recebe, aceita e acolhe o desafio do instante sublime: *que difícil equilíbrio/ da poesia em vigília/ a poesia – tal qual o amor/ vigia sempre.* Ela o faz, porém, com certa "Queixa", pois *há infinitos poentes/ e este tempo/ impiedosamente curto/ para existir e escrever/ a cada instante/ sobressaltos vários.* Então, como uma iluminação, surge o poema "Clarice e as palavras", no qual a poeta confessa: *encontro Clarice/ em certo momento/ quando anunciou o desejo/ de escrever/ com palavras tão agarradas entre si/ de modo que não existam/ intervalos entre elas.* E, ao final, a "Dúvida genética", já mencionada como um jogo lúdico a enlear o leitor nesse passo calculado, a poeta lança a grande questão e a responde no mesmo instante: *mudando-se a posição/ de um grupo de palavras/ gera-se poesia? /.../ A resposta que me derem/ é também a minha.* Sugiro ao leitor que leia o primeiro poema da obra e veja lá, detalhada, a resposta da poeta. Ela deseja prosseguir, *feito animal em busca de alimento*, tateando, ou *como pássaros bicando cascas*, porque a poesia é seu ritmo, sua temporalidade, sua essência, seu passo e seu instante.

Lucinda Persona é a flor Sempre-viva do Cerrado, é o buquet de flores que já nasce pronto a ofertar-se em poesia, neste *Passo do instante* e sempre, para todos nós.

Cuiabá, noite de outubro, à espera das chuvas.

Marli Walker, professora e poeta (em pleno outono).

P.S.: Os autores mencionados não foram usados no texto por total falta de necessidade de qualquer apoio teórico diante de tamanha poesia.

Marília Beatriz de Figueiredo Leite
É professora fundadora da UFMT, adjunta nível IV; mestre em Comunicação e Semiótica, pela PUC-SP. Ocupa a cadeira nº 2 da Academia Mato-grossense de Letras. Publicou O mágico e o olho que vê (Edufmt, 1982) e De(-Sign)Ação: arquigrafia do prazer (Annablume, 1993) e Viver de Véspera (Carlini e Caniato, 2018).

NO ACASO DO GOSTO A MEMÓRIA DE LUCINDA

Leito de Acaso, da poeta Lucinda Nogueira Persona, não é só um excelente repertório poemático, é um texto que liberta a palavra "memória" e, cada vez mais, prepara uma conjugação com aquilo que se foi, mas continua sendo dentro dela.

Por outro veio, os poemas se constroem como representações teatralizantes. A palavra é ator/atriz que faz o leitor/público se emocionar com o relato/atuação da autora. Os versos, os poemas são fatos representativos daquilo que o olhar/coração da autora captura. Lucinda quer reviver. É sempre mais a tentativa de compreender a angústia do ser humano e suas inquietações, reconstruindo-as.

Muitos deixam perceber o seu cotidiano em reminiscências; outros, em ações que se marcam como amplamente inovadoras na busca de algo que possa ser recente e desconhecido e muitas vezes com uma forma de dizer que perquira o organismo literário da escritura. A poesia não é uma magia, é um fazer, uma tarefa que se enfrenta com estilo e elegância para alguns ou, com força e concentração para outros. No caso de Lucinda, o estilo é seu registro e a elegância, mesmo no momento de fel, apresenta-se por inteiro. Sua força e sua concentração fluem no momento mesmo do olhar desvelador da poeta. Ao dizer dos cotidianos, ela exaure pontualmente a criticidade que existe no instante, no fato, porque o seu olhar é matéria concentrada que busca a nudez da coisa em si, do acontecendo, do acontecido. Críticas são: a sua força no apreender e a concentração do oculto naquilo que ela canta:

O caminho da vida é para baixo
é para baixo o caminho da vida
e já não me incomodo tanto

Os poemas da memória de Lucinda instauram em nós saberes e sabores de coisas muitas vezes esquecidas. Um trabalho dessa natureza possibilita tempos de lembrar e artes de esquecer. Como?

Quando as palavras formatam os versos é como se elas apontassem em nós quanto de esquecido se instalou no labiríntico de nossa humanidade. Os poemas afloram as possibilidades das lembranças. A passagem do sentido nocional para o sentido emocional perfaz o campo da conotação. Mas, em Lucinda algumas vezes, exatamente porque é instigante o esquecimento há um pouco do campo denotativo.

Não é provável que uma mixagem dessa ordem não crie no público-espectador-leitor um lugar de constante aprendizagem, que é bem verdade nasce às vezes do espanto, da surpresa. Aprender no caso da poética de Lucinda é saber reverenciar o apreender da dicção poética: aquilo que no simples tem de mistério.

Não troco
o movimento
das formigas
por qualquer outro de maior liberdade
A meta da procissão é bem clara
vai atrás do que precisa
a metros de distância
(lugar que em mim é um pouco mais longe)

E é nesse lugar que flui a fatura da criação poética e/ou a vida do dia-a-dia de Lucinda, é aí que frutifica a escritura criativa de Persona e é também nesse espaço que provavelmente correm as tramas versificadoras dos ramos da Nogueira.

Os ramos que indicam rumos de *O lugar do amor* satisfazem à parceria esclarecedora

Quero falar-te boca a boca
(palavras são estrelas

que se movem
na abóbada palatina)

da poetisa com o leitor/espectador, uma vez que o leitor vê a atuação da boca na busca sutil do outro. Eis aí a cena teatral de um olhar mais esmiuçante, mais devorador por um lado e, por outro, de uma busca profunda da transparência individual e diária.

A luz que paira o tempo todo sobre o repertório de *Leito de acaso* parece originar-se de feixes de quem tem no conhecimento do mundo a tarefa não de dimensioná-lo, mas de compreendê-lo.

Assim, voltamos ao ponto central de nossa reflexão pensando que talvez as recordações de Persona estejam na ordem da inscrição de uma série de desejos que vivem no corpo do poema/poeta, da organicidade do texto que muitas vezes é construído com a investidura de uma pele.

Muito faço por mim
quando me rendo
a certas alegrias.
Meus objetos
não são outra coisa
senão fontes de abundância.

Especialmente exemplares são os versos:

De proporções limitadas:
a vida
tão breve para tantas palavras
e suas infatigáveis variações normais
À memória (largo campo a perder-se)
pertence cada minuto
daquilo que posso dizer
e me sai tão precário
em gramática e mistério
mas não é só

Postula a autora o caráter dual de nossa humanidade de modo belamente conciso e especular ao mesmo tempo em que procura nas nervuras mesmo da palavra aquilo que ela funda de misterioso no campo lingüístico e metafórico.

As recordações são de uma ordem especialmente pontual, pois quando relembra algo de Paris é dessa forma que o faz:

Mais tarde
é sempre uma página
para síntese e repouso.
Hoje, é mais tarde.
Dia em que desobedeço à sagrada fala:
"não olheis para fatos antigos". Eu olho.

Portanto, eis como a dicção da poeta flagra essa memória que é incansável, que é perfurada por uma cadeia incomensurável de vitalidade, de incontáveis olhares. Um olhar perpassado pela magia de desencadear encantos, outro que perfura a atenção do leitor/espectador que quer descobrir aquele algo sutilmente prometido, finalmente olhares perturbadores porque desenvolvem probabilidades corporais, como se as palavras fossem investiduras sensórias, porém solitárias.

Não sei se é possível afirmações diante deste tipo de fazer literário, mas, creio que Lucinda domina o cotidiano do mesmo modo e com a mesma fortaleza que restaura a memória.

Os sintomas da percepção aguçados no cotidiano e o despertar da memória são na poesia da autora uma espécie de britadeira que perfura, para aprofundar em certo sentido a imagem inconsciente do real, do corpo, dos fatos e atos. Instaura-se um olhar que fisga a cada instante, de nossas experiências, emocionais ou nocionais, experiências mais profundas, exaustivamente vividas através de sensações eletivas, arcaicas ou atuais do nosso corpo-templo, uma emoção evocadora atual assinala a escolha inconsciente das associações emocionais. Em Lucinda há algo subjacente que ela permite que aflore para compartilhar num sentido ritualístico com o leitor/espectador.

Algumas vezes, são pequenas observações:

Stazione. Todos vão e voltam,
não há ninguém que não procure a si mesmo.

que se transformam em confidências poéticas, mas que de um modo ou de outro, ainda são da esfera da lembrança. E ela lembra com a força do "punhal de prata" de Cecília Meirelles, cortando a carne, a emoção, a razão, para desnudar em sua escrita um texto de chamamento àquilo que o homem tem de mais sagrado: a capacidade de estender o seu horizonte de recordações.

Lembrar-se de grandes feitos é fácil. Restaurar a memória das coisas pequenas, do mínimo, do ínfimo é que relaciona decerto o homem com a sua simplicidade humana.

Viver é atordoante.
A sombra eterna e trivial assusta.

Encerra o texto poético uma cadeia significativa de questões, de pulsões e imagens desejantes que produzem traços de energias que vão desde o caos até uma vontade prospectiva de ordem.

Lucinda desenreda o só, não como uma palavra isolada, mas como um nó que desenvolve uma relação de poder para "coisas" que por vezes têm vocação de menos. No texto de Persona a poesia não só é mutante como também fixa fatos e atos em grafias onde tudo é muito de fala, de desenho e onde existe e se sustenta à teoria, pontuando cada mensagem. Dita fatos tentando colocar bordas nos acontecimentos. Mas respostas, por onde havê-las? Boa escuta – pensa sempre – é boa resposta.

Mas enquanto escreve, acontece que relata o vivido, o partilhado e aqueles momentos em que solitariamente a poeta aprisiona as suas coisas nas mãos, nos olhos e no coração.

E ela parece perguntar se chegará a um termo. E ocorre, na textura toda produzida, a construção de um tempo e de um espaço do seu contar de vida, da sua estória de amor, como aparece em *Agora vou cortar abóboras*:

Aquilo que a vida diária
há de oferecer
e sem que seja
numa ordem fiel
eu posso contar ao mundo
(...)
Palavras são meios de vida
gestos também o são

A prospecção da palavra apreendida em Lucinda é tão afiada que ela pode ao mesmo tempo em que descasca o fruto, o desencarna e o tempera na sua boca de filósofa, de memorialista e poeta.

Descasca:

Um pêssego fora da árvore
ao ter a morte à flor da pele
mantém intacta a potência luminosa.

O desencarnar:

Daí, a tragédia.
Quero o fruto (fruto de observação)

O tempero de filósofa, de memorialista e de poeta surge quando diz tudo sem envergonhar-se e sem críticas, apenas aceitando em certo sentido a forma sígnica e sensual de falar, aquele esforço desmedido e precioso que dá conta de um dizer amante/amado ao real da natureza:

não apenas para dar
um pouco de substância ao plasma
antes o quero
para o gozo de uma certa realidade
desconstrução não muito diversa daquela
de romper em qualquer ponto
o equilíbrio
provocar o estado diferente da matéria.

Libertar-me
do insuportável excesso de imagens
é deste único modo."

A libertação de Lucinda é construída de duas maneiras:
1) o recordar com recorte e,
2) com a combinação das imagens teatrais em seu palco poético.
E isto surge de forma esplendorosa em *Delicada morte:*
(a vida aqui na terra)
Não é a primeira vez
que estou a falar
de assunto que não entendo

À sorte sou entregue
a cada momento
talvez por isto eu seja
tão viciadamente descritiva

O que tenho no horizonte
está bem posto
a tarde já caiu
nesta terra ocupada
por variáveis de abismo
No espelho
tenho a minha imagem
a partir da contribuição dos meus olhos
Ao repetir um modo
(que há muito vem acontecendo)
a tarde em queda livre
é programa que levo a sério
Esta delicada morte.

Na formatação rebuscada em que o cotidiano é revisitado, ela arquiteta desculpas para um fazer de poemas:
Meus poemas são, raríssimas vezes,
se é que jamais,
perfeitos em toda sua extensão.

A dimensão do rigor poético está em que ela resvala e vai revelando, ao desnudar, a carnadura da feição do dia-a-dia, disso que em nós às vezes se oculta por um comedimento social ou por uma máscara moral.

Saber que diz sobre coisas que afetam cria certos códigos que podem levar ao sentido dessas coisas. Daí, quando, por conseqüência, algum dizer das coisas pode produzir enorme bem-aventurança é porque consegue juntar pedacinhos.

Memória, finalmente, é a escolha, a amostragem de certo devotamento às recordações.
Fio sinuoso
o da mesma lembrança
a vida é isto

Prepara o recorte de rememorar não mais como encaixe das coisas cotidianas, mas como suporte das raízes familiares e finca o seu existir na qualificação da escritura sensível e escolhida:
A lembrança cresce no destino da família.
O futuro agora é um poema:
nele habitarão os famintos.

Assim, Memória torna-se um lugar, este lugar de falar, privilegiado!

Para falar das coisas é com Carlos Drummond de Andrade que ela se ritualiza:
neste mundo cada vez mais banal
e vasto também
o' Carlos
com muito amor

na falta de outras palavras
para os fatos, digo:
as coisas continuam
do jeito que sempre foram
maciçamente presas
a um núcleo de ferro
Um pouco (ou tudo)
do que existe em mim
está em toda parte
em todos
(esteve em ti).

Quando fala sobre COISAS, ela percebe a pesada expressão escorregando ornamentos, pouca pedagogia substantiva lhe sustenta o corpo. E aí está o que para o leitor torna-se escritura que aos poucos vai deixando de ser contemplado como receptor pela palavra eró(s) = poé tica.

Lucinda vira criatura de outra esquina, solta como uma persona abstrata e resvala nisto que é luz:
Quem pode
livrar-me de repetir
que grande mesmo
é o que parece pequeno?

Em *Néctar*, a poeta parece arrebatar um toque personalíssimo e revelador e libertador da sua criação artística. Os possessivos apontam para uma dimensão mais profunda do gozo estético.
Mostrar a minha palavra
sempre tão pequena
inexata
rasteira?
Dizer do meu jeito
que é um jeito qualquer?
Pode ser, pode ser
Mas desejo mesmo
é escrever por dentro
como vai escrevendo a água
enclausurada nos ramos
ou no imo das folhas
Translúcida
tinta
de sustentação
que (um dia)
em néctar
aflora
o ideal sabor da fala.

E por fim, esta cena que jorra como uma forma de pontuação final, porém de uma verdade inacabada porque sempre:
a vida em verso
o verso em livro
Jamais recusa Deus as palavras
a quem delas precisa.

Por que o enunciado repetitivo do verso? Por que o descritivismo teatral de certas relações? Tantas questões para críticas.

Para mim, um resvalar em luzes, certo assombro diante da beleza, um desatino pelo revelado. Para mim, uma gratitude pela poesia de Lucinda Nogueira Persona! E mais não posso escrever por calar-me diante de um espaço tão belo!

E que você continue cantando em todos os leitos, Por Imenso Gosto!

Março, 2006.

Tereza Albues
Escritora (romancista e contista), graduada pela UFRJ em Direito, Letras e Jornalismo.

BREVE TRAVESSIA PELA IMENSIDÃO DO SILÊNCIO DE LUCINDA PERSONA

Confesso que me envolvi com a ternura, o cuidado, a delicadeza de Hans, desde o primeiro segundo em que ele entra em cena. Não pensei em mais nada a não ser acompanhá-lo como uma sombra devota, onde quer que ele fosse. Nem em sonhos passou pela minha cabeça que Hans pudesse estar atuando em outra dimensão. Como ele, coloquei-me, fervorosa, "a serviço do silêncio". Nada questionei, embora às vezes tenha topado com certas pistas que talvez servissem de alerta. Mas que nada. Ficamos por demais embevecidos pela leveza da trilha a qual somos levados pelas sutilezas de Hans, o esposo abnegado. Aplaudimos, quase invejosos, tanta dedicação. Deixamo-nos levar, contentes de compactuarmos, de certa forma, com o seu delicado fazer rotineiro. Sem pudor, tornamo-nos cúmplices de sua missão. Em parte, devido ao magnetismo do clima poético, quase melancólico, um misto de estações passadas e vindouras, que a autora habilmente vai semeando pelo contexto. Em parte, graças ao cativante ritual de Hans, sereno e simples, que nos convida a ir entrando gradativamente no cerne dum cotidiano, de cômoda coexistência. Tudo isso burilado numa linguagem atraente e acolhedora, a nos abrir a porta da mansidão. Não há como recusar. Entramos. E nos sentimos em casa. Relaxados e pródigos. Pronto! O ponto do ajuste. O contraponto do imprevisto. Acabamos de cair na armadilha, até enternecidos, sem desconfiar que no final da jornada seremos tirados aos solavancos de nossa comodidade com uma única palavra: ***viúva***. Magistral! Lucinda Persona subverte a trama, assim, impunemente, como quem puxa, distraída, um fio solto duma tapeçaria inacabada. E o resultado imediato do gesto revela bruscamente a inconsistência de nossas certezas antecipadas. Bumba! A história é outra. Muito outra. Ficamos de queixo caído. Bem feito! Quem mandou se deixar enredar nas malhas desta habilidosa tapeceira dos signos, que se chama Lucinda Persona?

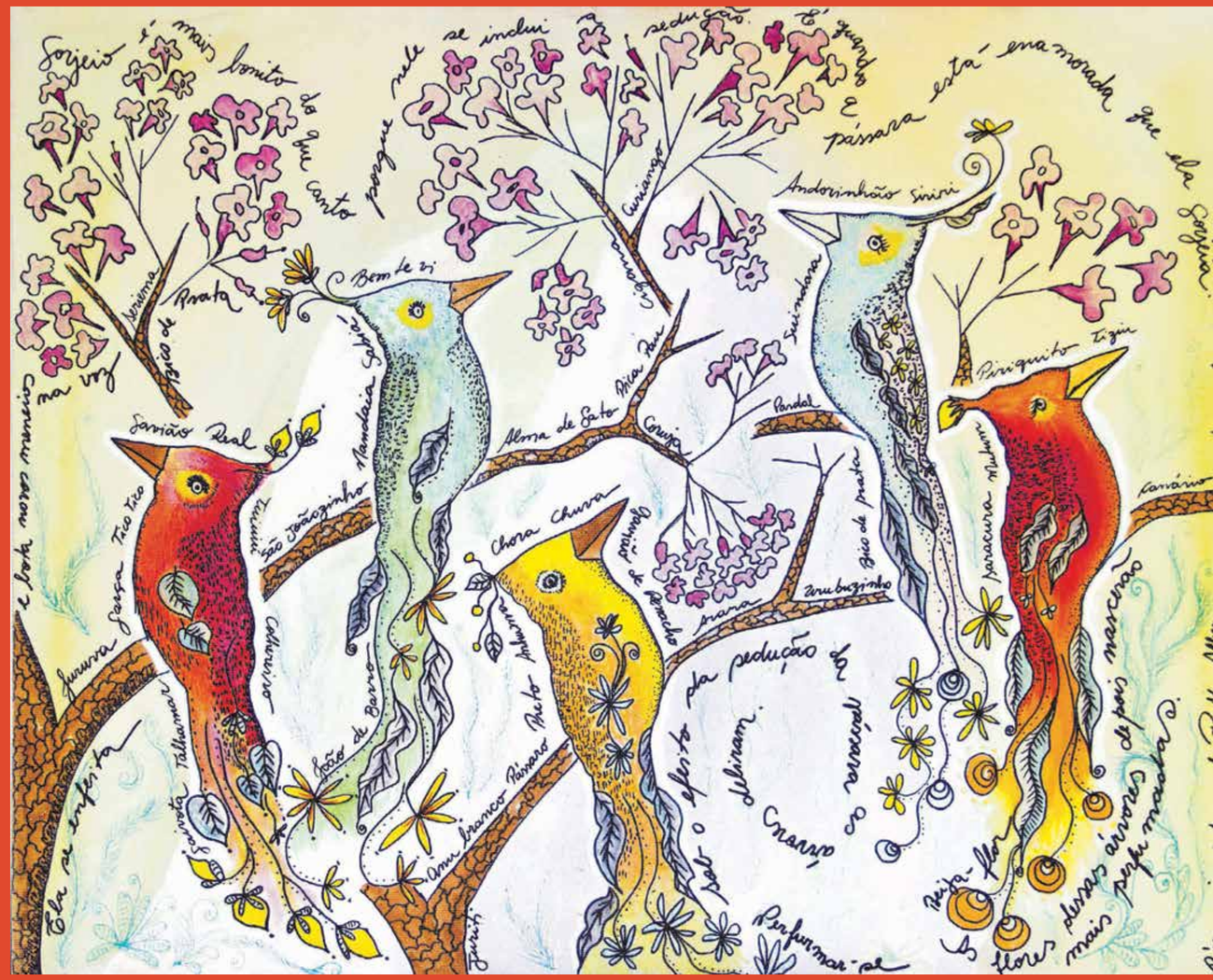
New York, 13/02/2004

Carlito Azevedo
É editor, tradutor, crítico e poeta.

SER COTIDIANO, 1998

"A capacidade de retirar a poesia mais límpida das coisas simples, banais e cotidianas situa a poeta Lucinda Nogueira Persona na família poética de Manuel Bandeira (que se perguntava, num poema famoso, que importavam a Glória, a paisagem e a linha do horizonte, se o que ele via era o beco), e de Mário Quintana (que escreveu que descobrir continentes é tão fácil como esbarrar num elefante e que poeta é aquele que acha uma moedinha perdida). Mas neste *Ser cotidiano*, assim como na poesia daqueles dois mestres, a simplicidade é enganosa, e não só esconde uma relação sofisticada com o verso e com a palavra coloquial, mas também abre estranhos mundos por trás das coisas comuns. Como a sopa de ervilhas tomada à noite que perde seu caráter tranquilizador e ameno para tornar-se um pântano a nos sugar como um buraco de treva na noite do poema, ou ainda como as violetas do belíssimo poema "De ser tarde", que são chamadas, em verso antológico, "labaredas roxas de nenhum fogo". Isso porque Lucinda tem o poder da síntese e o da transfiguração. Poder que lhe vem ora da intensidade com que vive seus momentos, como lavar alimentos na cozinha ("Abro a torneira. A água me envolve/ e, dessa calma agitação eu me entretenho/ como se tivesse uma cachoeira nas mãos"), ora lhe vem de Eros ("Flutuando como gaivota/ rastejando como caracol/ e anulando perfumes/ as flores não valiam nada. / Os sexos eram flores"). Quem diria que poeta tão mestra no domínio do cotidiano seria tão certeira na transfiguração metafórica. Lucinda Nogueira Persona é uma das mais gratas surpresas da nova poesia brasileira".

[Orelha de *Ser cotidiano*, 1998]



Marta Cocco
É natural de Pinhal Grande-RS, formada em Letras, doutora em Letras e Linguística, professora de Literaturas da Língua Portuguesa na graduação e na pós-graduação da UNEMAT-MT. Faz parte do grupo de pesquisa LER: Leitura, literatura e ensino – UNEMAT/CNPq. Ganhadora de vários prêmios literários, já publicou cinco livros de poemas (Divisas, Partido, Meios, Sete Dias e Sábado ou Cantos para um dia só), dois de crítica literária (Regionalismo e identidades: o ensino da literatura produzida em Mato Grosso, Mitocrítica e poesia), um de contos (Não presta pra nada) e, com este, três infantis (Lé e o elefante de lata, Doce de formiga e SaBichões).

UM NARRADOR SOB O DISFARCE DO TEMPO EM VOVÔ MORRERÁ HOJE DE LUCINDA PERSONA

Quando o editor da Pixé me "intimou" a escrever uma resenha sobre a produção literária de Lucinda Persona, fiquei pensando se teria algo novo a dizer depois de artigos, capítulos de livros, uma tese e livro já publicados sobre a obra dessa autora. Pensei se teria algo novo a dizer, sem me repetir. Nesse momento, dei-me conta de que justamente a repetição (de mitemas, de mitologema e de dicção estilística) foi uma das questões que me impulsionaram à pesquisa. Assim, dentre as publicações feitas, quase todas sobre os poemas da autora, optei por repetir, com algumas alterações, uma análise sobre um dos contos: *Vovô morrerá hoje*, publicado em Cuiabá na coletânea *A margem esquerda do rio – contos de fim de século* (2002). A análise foi publicada como capítulo do livro *Literatura e contexto* (2011), organizado pela profa. Luzia Oliva dos Santos (Unemat/Sinop).

O conto, desde a primeira leitura, surpreende pela constituição de, pelo menos, dois elementos: o tempo e o narrador (voz e perspectiva), sobre os quais recaiu esta investigação.

Antes de me deter na análise propriamente dita, convém lembrar alguns conceitos caros a Genette. Para ele, a narrativa é a "representação de um acontecimento ou de uma série de acontecimentos reais ou fictícios, por meio da linguagem e mais particularmente da linguagem escrita" (GENETTE, 1974, p. 255). Ao dizer isso, de forma aparentemente simples, Genette não deixa de advertir para o risco de se considerar evidente esse conceito e não levar em conta aquilo que constitui "problema e dificuldade" e que é o ser mesmo da narrativa. Pois é justamente desse ponto que parti para desvendar, no conto em questão, o que está além da falsa obviedade da morte de uma personagem relatada por outra.

É importante mencionar que Gérard Genette retoma, em seu estudo sobre a narrativa, os primeiros tratados a respeito do assunto elaborados por Platão e Aristóteles e, partindo do que escapou aos filósofos, restitui ao gênero narrativo o seu lugar de importância na literatura. Platão distinguiu a imitação propriamente dita (*mimesis*) da simples narrativa (*diegesis*), considerando esta última de qualidade inferior em relação ao drama. Já Aristóteles postulou que a narrativa (*diegesis*) é um dos dois modos da imitação poética (*mimesis*). O outro modo seria a representação direta dos acontecimentos por meio de atores, ou seja, distingue poesia narrativa e poesia dramática. Para Genette, os dois filósofos concordavam com o essencial: a distinção entre o modo dramático e o narrativo, dando ao primeiro um status privilegiado. Nas palavras do teórico:

Enquanto que constituída por falas, discursos emitidos por personagens (é evidente que em uma obra narrativa a parte de imitação reduz-se a isso), ela não é rigorosamente falando representativa, pois que se limita a reproduzir tal e qual um discurso real ou fictício (GENETTE, 1974, p. 259).

Trazidos à cena alguns desses postulados, parto para a análise propriamente dita do conto com as devidas referências à teoria, quando a mesma se fizer oportuna. A história é contada por um menino que observa minuciosamente o ambiente em que o vovô se encontra (deitado numa rede no quintal da casa), além da mãe e do pai e suas respectivas ações no momento em que o vovô morre e um médico é chamado. O menino narra o fato antes de acontecer. Uma barata faz parte da história, à primeira vista, sem maiores relevâncias para a trama.

O título já nos surpreende com o anúncio da narrativa sobre um fato futuro: 'Vovô morrerá hoje'. A forma verbal no futuro do presente e a declaração inicial do narrador suscitam nossa curiosidade sobre ele: como pode ter tal poder/visão?

Pois lhe conto. São quatro horas da tarde. É espantoso sim, mas vovô morrerá hoje. Mais espantoso ainda é que ele estará morto antes mesmo de morrer de fato. Com oitenta e dois anos, apesar de forte e saudável, vovô morrerá hoje. E será no início da noite. E atrapalhará o jantar. Este é meu jeito estranho de recordar o que ainda vai acontecer. Como não pode ser de outro modo, acompanho os antecedentes do atropelo (PERSONA, 2002, p.93)

Observo imediatamente a incidência de índices temporais que me levam a elaborar a hipótese de uma deliberada intenção do narrador em chamar a atenção do leitor para aspecto temporal: "são quatro horas [...] morrerá [...] estará morto [...] oitenta e dois anos [...] morrerá hoje [...] será no início da noite [...] jantar [...] recordar [...] acontecer [...] antecedentes". Para identificar esse narrador, busquei em Genette algumas de suas valiosas considerações sobre a narrativa.

De acordo com o teórico, a *voz* (assunção das condições de enunciação pela instância narrativa) designa, ao mesmo tempo, as relações entre *narração* e *narrativa* e entre *narração* e *história*, com três possibilidades de narrador: autodiegético, homodiegético e heterodiegético. No conto em questão, o narrador em primeira pessoa, dá-nos a impressão de ser autodiegético pois, no limite, é quem seleciona os fatos e narra-os como convém, registrando suas impressões. Entretanto, comporta-se como h*omodiegético* (e a esse comportamento caberá um comentário posterior), pois conta a história de outro personagem, o avô no dia de sua morte. Destaco o modo como ele se concentra na presença de uma barata na sala da casa:

Neste momento, apressada e atônita, uma barata avança bem rente ao rodapé da parede de adobe. Ela avança por partes, de vinte em vinte centímetros. Percorre uma distância total de cerca de dois metros, pára, gira rapidamente entreabrindo as grandes asas, volta pelo mesmo caminho, dá outra parada e se ajeita para atravessar a sala. Estou seguro de que vai atravessar a sala (PERSONA, 2002, p.93).

A barata é um elemento da ambientação que, aparentemente, não tem nenhuma função no enredo, mas, como sabemos que em uma narrativa nada pode ser desconsiderado, ao avançarmos na interpretação dos elementos constitutivos do conto, atribuiremos sentidos a sua presença.

Prosseguindo na tarefa de decifrar o tão hábil narrador, dirijo-me às pistas do texto. Ao confessar que volta da escola, imagino um menino, com idade difícil de precisar. Ora, mas um menino teria essas qualidades/habilidades identificadas como as de um narrador? Teria, especialmente, tal sofisticação linguística para registrar suas impressões? A pergunta, que poderia sugerir um caso de inverossimilhança, reforça a tese genettiana de que todos os elementos precisam ser compreendidos na relação que estabelecem entre si na *diegese*. Assim, procedo à investigação sugerida inicialmente: a relação entre o narrador e o tempo.

Dentro da instância narrativa, é fundamental situar a posição do tempo. Para Genette (1979), a narrativa é uma "sequência duas vezes temporal": o tempo da coisa contada e o tempo em que a coisa é contada. Para ele, "cambiar um tempo num outro tempo é a função da narrativa". Eis a chave para entender o conto em questão:

Estudar a ordem temporal de uma narrativa é confirmar a ordem de disposição dos acontecimentos ou segmentos temporais no discurso narrativo com a ordem de sucessão desses mesmos acontecimentos ou segmentos temporais na história, na medida em que é indicada explicitamente pela própria narrativa ou pode ser inferida deste ou daquele indício indireto (GENETTE, 1979, p. 33).

O próprio conto de Persona nos acena para a existência de anacronia na história e para o disfarce que o narrador preparou para intrigar o leitor:

Este é o meu jeito estranho de recordar o que ainda vai acontecer. Como não pode ser de outro modo, acompanho os antecedentes do atropelo.(...) É engraçado, o número de horas que gasto sem fazer nada está acima da cota de tempo que me foi dada. Difícil este cálculo. Meu ócio é mais duradouro do que minha própria vida. Por conta disso, engano o tempo (PERSONA, 2002, p 94).

Há, portanto, a confissão do narrador de que engana o tempo. Cabe-nos descobrir como. O tempo predominante em toda a narrativa, nas formais verbais, é o do presente do indicativo. Apenas no primeiro parágrafo existe a presença do futuro do presente, indicando justamente a intenção de contar o futuro. No último parágrafo, temos o pretérito perfeito a partir do momento em que a mãe "acendeu" a vela, tempo verbal utilizado para marcar ações que ocorrem num tempo definido. Nesse sentido, o uso desse tempo pode indicar a confirmação da morte do avô.

Por essas observações, o ímpeto inicial foi o de afirmar que estávamos diante de um caso de prolepse, não muito comum, segundo Genette (1979, p. 65): "A antecipação, ou prolepse temporal, é manifestamente menos frequente que a figura inversa (analepse), pelo menos na tradição narrativa ocidental". Para o teórico, diante de uma prolepse, a narrativa em primeira pessoa é a mais apropriada, pelo seu "caráter retrospectivo, que autoriza o narrador a alusões ao futuro e, particularmente, à situação presente" (GENETTE, 1979, p. 66). É exatamente isso o que observamos no conto de Persona: um narrador que anuncia o futuro, mas se refere aos antecedentes do evento principal (a morte do avô), fazendo, portanto, um movimento retrospectivo e, depois, apontando os fatos numa sequência linear, com formas verbais no presente, mudando para o pretérito perfeito apenas no final.

Todas as tardes, entrincheirado em algum lugar, faço-me atento aos movimentos da casa que bem pouco se mexe. Papai está sentado num jirau. [...] Nas sombras da varanda, alheio aos bens terrenos, vovô está na rede – seu lugar cativo.

Diante dos meus olhos, afasta-se o dia, assim: a pacífica luz do entardecer sai de mansinho de dentro de casa. Ergue-se do chão da varanda e deixa vovô na penumbra. Ela, a luz pacífica, sobe no velho telhado para entrar nos olhos do gato. Enquanto eu for pequeno, isso me acalma (PERSONA, 2002, p.94).

Nesse último período está uma das pistas, justamente num advérbio de tempo e num adjetivo que também indica tempo: enquanto e pequeno. Vejamos outra dica:

A barata continua imóvel. Um leque marrom aquelas asas semi-abertas. Volto àquilo que se vai. Meu peito dói ao frio perfume. Uma sombra, maior do que a casa está dentro dela. Quero correr e não consigo (PERSONA, 2002, p. 94).

Querendo abarcar tudo o que está à volta do evento da morte do avô, o narrador se concentra na barata, mas em seguida "volta ao que se vai", ao que está em andamento, a morte e o seu ato de contar. Estaria este episódio gravado em sua memória? Então é necessário registrá-lo, antes que se vá. Por que não consegue correr? Por que a imobilidade? E poderia ser diferente no mundo da lembrança?

Portanto, se existe uma lembrança, há, enfim, um narrador que, tendo testemunhado um evento, decide contá-lo, anos mais tarde, com toda a sua experiência de vida e de linguagem que lhe permitem uma atenção minuciosa aos detalhes, com requintes de elaboração e de criatividade. Abro um parêntesis aqui para a hipótese de o uso das formas verbais no presente do indicativo ter dupla função: tanto a de organizar a sucessão dos fatos naquele passado, como a de sugerir comentários do narrador acerca da sua vida adulta, pois dizer, por exemplo que "o ócio é mais duradouro que a própria vida", pode ser uma alusão ao seu estado presente e não pretérito.

Pois bem, voltar no tempo e contar, passo a passo, como vovô morrerá é restituir a si mesmo uma certa dignidade que não lhe foi conferida no passado, cujos motivos não são possíveis de identificar. Nota-se como ocorre a participação dos outros personagens, a começar pelo pai e pelo médico:

Agora, vovô está roncando forte, numa seqüência de sons cada vez mais secos e obscuros. Papai se aproxima, desassossegado. Vovô transpira em bicas. Papai se alarma. Vovô não está nada bem. É preciso chamar o médico. O médico é vizinho, que bom, e vem no ato, e examina vovô, e pega aqui, e pega ali. Depois recua, chama papai num canto. Fala claro.

— Seu pai está morto — e papai, admirado, retruca.

— Mas como?! Ele respira, pude perceber. E o ronco? É de vivo. O médico, amigo, entre sério e abalado, mas muito convicto, repete:

— Estou dizendo, está morto. Vai lá, pega nele.

Papai, num átimo, vai e toca em vovô, empapado de suor. A seguir, volta tartamudo.

— Nossa! Ele está gelado, doutor. Tem uma água pegajosa no corpo. O que é isso? — e o médico, olhando o horizonte imediato, responde.

— É a morte, pode crer. Conheço-a muito bem. É ela (PERSONA, 2002, p. 95).

Em seguida, entra a participação da mãe: "Mamãe, já dentro do meu foco, com gestos suaves, acendeu uma vela" (PERSONA, 2002, p.95) e até dos pernilongos: "Uma névoa negra de pernilongos frenéticos, cantando fininho, vem chegando para o velório" (PERSONA, 2002, p.95). Entretanto, a presença do menino na família é assim descrita, com a ressalva de que é apresentada em primeira pessoa pelo próprio personagem, com todas as implicações que isso pode suscitar: "Ninguém se lembrou ainda de me procurar" (PERSONA, 2002, p.95). Pois bem, se na ocasião – no dia da morte do avô - não teve tanta importância, ele, o narrador, ironicamente, a conquista no momento em que conta a história, fazendo-a com uma clara consciência temporal que lhe permite o disfarce e que, provavelmente, à primeira vista, confundirá o leitor.

Enfim, este é um caso de prolepse na narrativa primeira que, numa camada mais profunda, revela uma analepse, baseada na memória do narrador. Cumpre-se, então, o que Genette considera o papel primordial da narrativa, já mencionado anteriormente: cambiar o tempo noutro tempo. Sobre o narrador, voltando à sua caracterização (em relação à história) como homodiegético, podemos acrescentar que se trata de uma classificação cuja variação neste conto, é difícil precisar, se levarmos em conta que:

Haverá, pois, pelo menos, que distinguir no interior do tipo homodiegético duas variedades: uma em que o narrador é o herói da sua narrativa e a outra em que não desempenha senão um papel secundário que acontece ser, por assim dizer sempre, um papel de observador e de testemunha.(GENETTE, 1979, p. 244).

Ora, se sua intenção foi o resgate da própria dignidade e, fazê-la em primeira pessoa poderia soar suspeito, nada como colocar-se propositalmente como personagem secundário. Ora, sendo um observador, e não um mero observador, reuniu as condições para tornar, pela sua escrita, a morte do avô memorável (herói nesse sentido). Do ponto de vista do nível da narrativa, podemos identificar a mesma dubiedade: por um lado, temos um narrador que, por ter vivenciado o episódio da morte do avô e dominar a completude do evento, com ampla visão, pode contá-lo extemporaneamente, manipulando o tempo; de outro, um narrador que se coloca dentro da história (nível intradiegético) sem importância aparente. Desses comportamentos dúbios, chega-se à síntese do seu movimento que foi o de regressar no tempo e, a partir daí, contar, no presente, o que estava por acontecer.

A barata, uma das grandes metáforas do texto, pode significar a hesitação da própria memória ao retomar fatos do passado, e/ou a fragilidade humana diante da morte, o temor diante de um risco que pode nos arrebatar a qualquer momento, como sugere o parágrafo final do conto:

Nesse tempo todo em que estive esperando vovô morrer, perdi de vista a barata. Da última vez que lhe pus os olhos, estava hirta, incapaz de atravessar a sala. Deveria percorrer poucos metros até alcançar a cozinha, talvez, ou ali num lugar no meio da noite. Foi para criar coragem, com certeza, que ela se deteve. Coragem para armar os passos e se atirar sala afora, sem esbarrar na morte (PERSONA, 2002, p.95).

Esse parágrafo foi tomado como emblemático, mas, em todo o conto, se nossa atenção tivesse se concentrado na descrição do espaço, especialmente dos seres nele inseridos, verificaremos que todos se movimentam ou apresentam índices de movimento no tempo. Assim, tudo é simbólico, tudo expressa o caminho das coisas e dos seres para a finitude. Uma finitude assustadora, que requer cautela e, em alguns momentos, é apresentada como o limiar para a eternidade - *vejo a eternidade que se aproxima.* (Persona, 2002, p. 94), parecendo opor a uma visão trágica do destino, a concepção cíclica de tempo. Esse aspecto certamente contribuiria muito para uma análise mais abrangente da narrativa estudada, entretanto, ficará para uma próxima investigação.

Voltando à barata e ao ponto central deste artigo, se a reconhecemos como metáfora e como tal, portadora de múltiplos sentidos, é possível que ela também queira chamar a atenção do leitor para o que possa passar despercebido: a relação entre o narrador e o tempo. Perder isso de vista, neste conto, é perder a oportunidade de atravessar a sala fascinante da história e estar, diante dela, vivo.

REFERÊNCIAS

GENETTE, G. *Análise estrutural da narrativa* – pesquisas semiológicas. Trad. Maria Zélia Barbosa Pinto. 2ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1972.

_____. *Discurso da narrativa* – ensaio de método. Lisboa-Portugal: Ed. Arcádia, 1979.

PERSONA, L. *Vovô morrerá hoje*. In: LEITE, M. C. S.; MORENO, J. (Orgs.). *Na margem esquerda do rio*: contos de fim de século. São Paulo: Via Lettera, 2002, p. 93 a 96.

Matheus Guménin Barreto
(1992-) é poeta e tradutor mato-grossense. É autor dos livros de poemas ***A máquina de carregar nadas*** (7Letras, 2017) e ***Poemas em torno do chão & Primeiros poemas*** (Carlini & Caniato, 2018). Doutorando da Universidade de São Paulo (USP) na área de Língua e Literatura Alemãs - subárea tradução -, estudou também na Universidade de Heidelberg e na Universidade de Leipzig. Encontram-se poemas seus no Brasil, na Espanha e em Portugal (Revista Cult, Escamandro, plaquete "Vozes, Versos", Gueto, Palavra Comum e Diário de Cuiabá; entre outros), e integrou o Printemps Littéraire Brésilien 2018 na França e na Bélgica a convite da Universidade Sorbonne.

LUCINDA NOGUEIRA PERSONA: CONVIDADA DISCRETA NOS COQUETÉIS DO HOJE

Pego-me tentando encontrar o fio contínuo da obra de Lucinda Nogueira Persona (1947-), o fio de Ariadne que a autora talvez tenha segurado ao atravessar seus 25 anos de publicação de poesia. E como não é este texto uma resenha, um artigo ou coisa que o valha, permito-me expor – francamente e em primeira pessoa – meus esforços ao leitor. Leio e releio *Por imenso gosto* (Massao Ohno, 1995; Carlini & Caniato, 2018), *Ser cotidiano* (7Letras, 1998), *Sopa escaldante* (7Letras, 2001), *Leito de Acaso* (7Letras, 2004), *Tempo comum* (7Letras, 2009), *Entre uma noite e outra* (Entrelinhas Editora, 2014) e *O passo do instante* (Entrelinhas Editora, 2019) em busca desse fio de Ariadne.

Que Persona talhou quase em silêncio e longe dos holofotes uma das obras mais discretamente originais da recente poesia brasileira, isso já sabemos. Há muitos que ainda não a conhecem, mas há poucos que, em a conhecendo, desconsiderem sua potência.

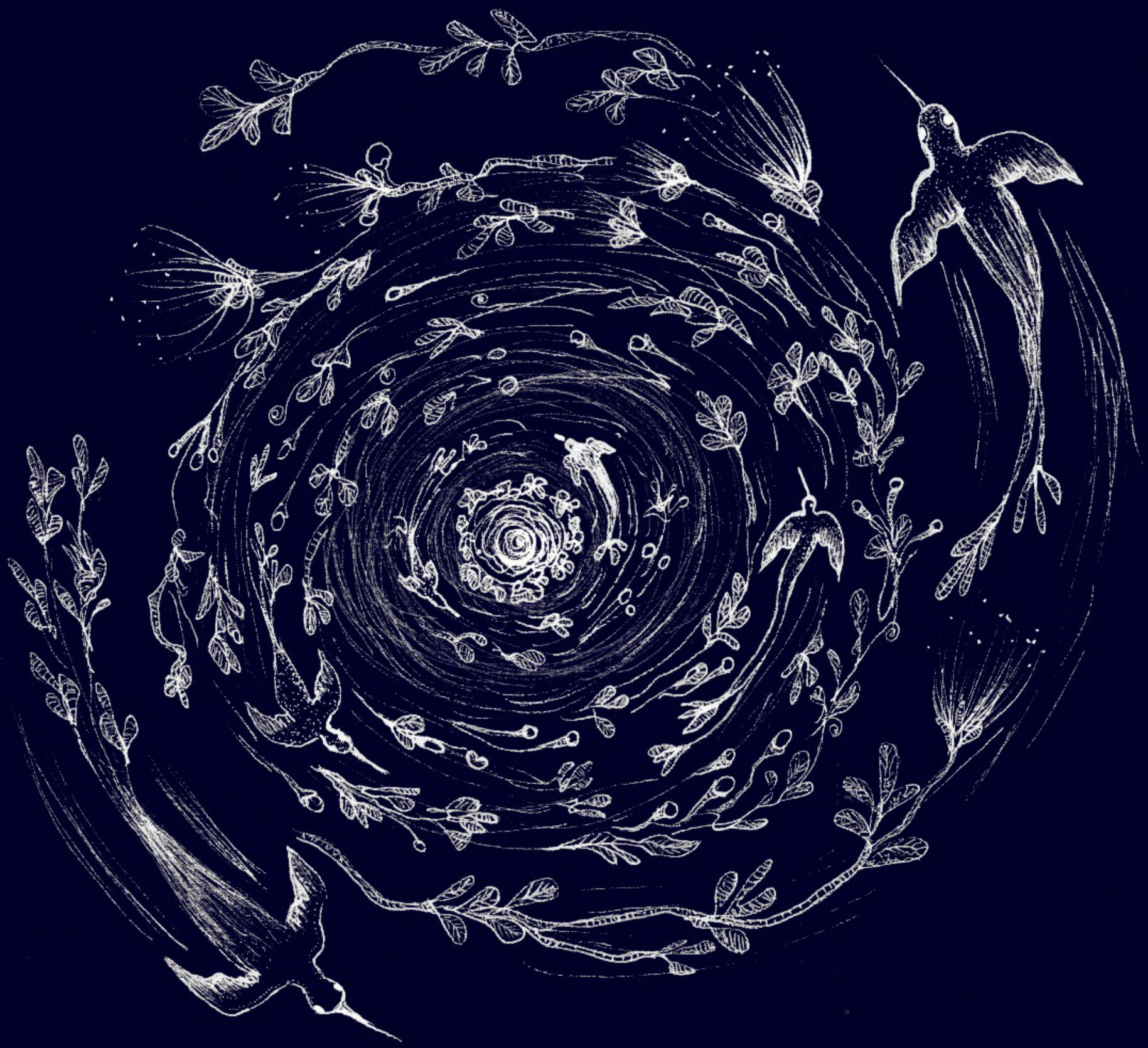
Que Persona pareceu não aderir a nenhum dos muitos agrupamentos literários que a rodearam, antes pareceu beber de muitos deles e aproveitar o que em cada um lhe poderia fortalecer a poesia, isso também sabemos. A poesia de Persona é, como o é a autora, convidada discreta nos coquetéis do hoje: presente e retirada, atenta e distante. Cruza os grupos, troca palavras, mas volta cedo para casa.

Que a poesia de Persona parece não coincidir com aquela poesia participante ou abertamente política ('abertamente', já que de um modo ou de outro toda obra de arte é política) que tem recepção mais favorável nas capitais da sesmaria – São Paulo e Rio de Janeiro –, também sabemos nós. Sua força política estaria talvez emaranhada nos versos, abaixo do solo, mas ainda assim presente.

Se sabemos disso tudo, o que liga os pontos da obra personiana? Há algo que os ligue? A resposta sempre frágil, sempre incompleta para essa pergunta parece estar na palavra que vem rodeando e atravessando meu texto: o silêncio.

Talvez no silêncio possamos conjugar os frutos lavados e cortados há 25 anos, os passeios à volta da mesa de jantar há 25 anos, a atenção curiosa aos pequenos insetos e aos pequenos acontecimentos há 25 anos. Talvez no silêncio possamos conjugar os ecos todos dessa poesia escrita e transcorrida entre as quatro paredes de uma casa – porque a poesia de Persona é acima de tudo doméstica, mesmo quando (ou principalmente) se passa em outras paisagens, em quartos de hotel, em torno da linguagem. Não haveria nisso um retrato ferozmente preciso de nossa sociedade brasileira, estruturalmente patriarcal? Um retrato que, ao mesmo tempo em que dá a ver, subverte a lógica dominante: as pequenas epifanias domésticas (claricianas) se tornam – na mão do Eu do poema – sua grande e silenciosa resistência, seu segredo de esfinge que se recusa a propor seu enigma. E que o saboreia, vitoriosa.

Terminando este texto com as palavras de quem já disse mais e melhor, reproduzo abaixo o poema "Em nossa nudez" (do livro *Entre uma noite e outra*), um dos grandes poemas brasileiros da última década, um daqueles que – para lembrar aqui os versos de Drummond – nos expõem a "essa nudez, enfim, além dos corpos". A essa mudez além dos corpos.



PIÉ

REVISTA LITERÁRIA